

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

MATHEUS LOURENÇO DIAS

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA MÚSICA:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA MIXTAPE ECHOES OF SILENCE DO CANTOR
THE WEEKND

PORTO ALEGRE

2023

MATHEUS LOURENÇO DIAS

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA MÚSICA:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA MIXTAPE ECHOES OF SILENCE DO CANTOR
THE WEEKND

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alessandra Teixeira Primo

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Dias, Matheus Lourenço
Representações de masculinidade na música: uma
análise de discurso da mixtape Echoes Of Silence do
cantor The Weeknd / Matheus Lourenço Dias. -- 2023.
92 f.
Orientadora: Alessandra Teixeira Primo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Publicidade
e Propaganda, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Masculinidade. 2. Gênero. 3. Música. 4. The
Weeknd. 5. Análise de Discurso. I. Primo, Alessandra
Teixeira, orient. II. Título.

MATHEUS LOURENÇO DIAS

REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NA MÚSICA:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO DA MIXTAPE ECHOES OF SILENCE DO CANTOR
THE WEEKND

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a Dr^a Alessandra Teixeira Primo

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Alessandra Teixeira Primo
Orientadora

Prof. Dr. André Iribure Rodrigues
Examinador

Prof^a. Dr^a. Nísia Martins do Rosário
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luciana e Renato, que batalharam para que hoje eu pudesse ter essa conquista. Vocês são a minha base.

À minha namorada, Luíza, que encarou o desafio do seu próprio TCC junto comigo. Obrigado por ter acompanhado minha trajetória de perto, pelos incontáveis finais de semana estudando junto e todo o conforto nos momentos de desespero. Nós vencemos.

Aos parceiros André, Marques e Zannoni, os primeiros amigos que fiz nessa universidade, ainda no curso de Engenharia Mecânica. Obrigado por todo o companheirismo, compreensão e por estarem comigo por todos esses anos, sejam quais forem as circunstâncias.

Aos amigos do grupo s2111221111w1112, que tornaram a trajetória acadêmica muito mais leve. Obrigado por terem dividido essa aventura comigo.

Aos professores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, por todo o aprendizado.

Aos companheiros do SóBico FC, por me ensinarem a importância de sempre tentar. A esperança é a última que morre.

Ao Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, que durante o período da minha graduação me mostrou que a vida é feita de altos, baixos e recomeços.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por todas as portas que abriu em minha vida, e a todos que defendem o ensino público, gratuito e de qualidade.

RESUMO

Esta pesquisa busca entender como questões relacionadas aos padrões de masculinidade se apresentam em um produto midiático de grande alcance, usando como objeto de estudo a mixtape *Echoes Of Silence*, do cantor The Weeknd. O problema de pesquisa é “como a masculinidade se apresenta nas letras de *Echoes Of Silence*?”, e o objetivo geral é entender como questões relacionadas a padrões de masculinidade se inscrevem nas letras da mixtape. Esta pesquisa tem como objetivos específicos entender como se configura o modelo de masculinidade adotado pelo eu lírico da obra e verificar se o eu lírico apresenta conflitos internos em relação à sua masculinidade. Foi buscado aprofundamento nos temas de gênero, masculinidade hegemônica, construção de masculinidades, práticas do modelo de masculinidade tradicional e movimentos de contestação à masculinidade tradicional. O método de pesquisa utilizado é o de Análise de Discurso. Os resultados apontam a produção de sentidos nas letras que remetem a ideais tradicionais de masculinidade, além da presença de elementos na narrativa que se relacionam com práticas de masculinidade normativa. O eu lírico da obra adota um modelo de masculinidade próximo ao tradicional, tendo a grande quantidade de conquistas sexuais e o uso de drogas como principais pilares. O eu lírico apresenta conflitos internos ao demonstrar desejar ter conexões sentimentais mas falhar em se entregar emocionalmente.

Palavras-chave: Masculinidade; Gênero; Música; The Weeknd; Análise de Discurso.

ABSTRACT

This research looks to understand how issues related to models of masculinity are present in a piece of media with high reach, using The Weeknd's mixtape *Echoes Of Silence* as research object. The research problem is "how is masculinity present in the lyrics of *Echoes Of Silence*?", and the general objective is to understand how issues related to models of masculinity are inserted in the mixtape's lyrics. This research has the following specific objectives: to understand how the project's poetic persona's model of masculinity is configured and to verify if the poetic persona presents internal conflicts related to their masculinity. Theoretical depth was sought in the themes of gender, hegemonic masculinity, construction of masculinities, traditional masculine practices and traditional masculinity contestation movements. The research method chosen was Discourse Analysis. The results point to the reproduction of traditional masculine ideologies, as well as the presence of elements in the narrative that relate to normative masculine practices. The project's poetic persona adopts a model of masculinity similar to the traditional model, with the high amount of sexual encounters and the use of drugs serving as the main traits. The poetic persona presents internal conflicts by showing the desire to have sentimental connections but failing to let go emotionally.

Keywords: Masculinity; Gender; Music; The Weeknd; Discourse Analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 GÊNERO, PODER E A EXPERIÊNCIA MASCULINA.....	12
2.1 HISTÓRIA E DEFINIÇÃO DO GÊNERO.....	14
2.2 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA.....	17
2.3 A EXPERIÊNCIA MASCULINA E A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE.....	23
3 A MASCULINIDADE TRADICIONAL E MOVIMENTOS DE CONTESTAÇÃO.....	31
3.1 PRÁTICAS DA MASCULINIDADE TRADICIONAL.....	32
3.2 A CONTESTAÇÃO DA MASCULINIDADE TRADICIONAL.....	41
4 A MASCULINIDADE EM ECHOES OF SILENCE.....	47
4.1 THE WEEKND E ECHOES OF SILENCE.....	48
4.1.1 O ARTISTA.....	48
4.1.2 A MIXTAPE.....	49
4.2 MÉTODOS DE PESQUISA.....	50
4.3 ANÁLISE.....	52
4.3.1 D.D.....	53
4.3.2 MONTREAL.....	55
4.3.3 OUTSIDE.....	58
4.3.4 XO/THE HOST.....	61
4.3.5 INITIATION.....	63
4.3.6 SAME OLD SONG.....	66
4.3.7 THE FALL.....	68
4.3.8 NEXT.....	70
4.3.9 ECHOES OF SILENCE.....	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	78

ANEXO A - LETRA DE D.D.....	81
ANEXO B - LETRA DE MONTREAL.....	82
ANEXO C - LETRA DE OUTSIDE.....	83
ANEXO D - LETRA DE XO/THE HOST.....	84
ANEXO E - LETRA DE INITIATION.....	86
ANEXO F - LETRA DE SAME OLD SONG.....	88
ANEXO G - LETRA DE THE FALL.....	89
ANEXO H - LETRA DE NEXT.....	90
ANEXO I - LETRA DE ECHOES OF SILENCE.....	91

1 INTRODUÇÃO

A divisão social entre os sexos masculino e feminino está presente nas civilizações humanas há milhares de anos. As diferenças anatômicas serviram como justificativa para a atribuição de uma série de características esperadas pela sociedade de indivíduos do sexo masculino e feminino de forma diferenciada. Essa lista de regras não escritas inclui diferentes obrigações, atividades, modos de ser, agir, socializar, se vestir e cuidar do corpo, espaços que podem ser ocupados, direitos que podem ser exercidos, emoções que podem ser expressadas e diversos aspectos de personalidade. Dentro desse contexto de diferenciação, é constante a presença de uma hierarquia na qual os homens exercem domínio sobre as mulheres, sendo considerados seres superiores e merecedores por direito de mais poder e liberdade, e exercendo controle sobre o corpo feminino. Tal dominação foi tomando novas formas com o avanço tecnológico e sociocultural da humanidade ao longo da história, criando aberrações como a proibição de mulheres serem donas de imóveis e votarem. Apenas em meados do século XX que essa relação desigual de poder tida como natural passou a ser contestada na literatura e no meio acadêmico, com o início do movimento feminista.

Entre os conceitos levantados por autores e autoras feministas está a masculinidade hegemônica, que diz respeito ao papel idealizado esperado pela sociedade que seja exercido por um homem, ensinado a meninos desde o nascimento. A reprodução desse modelo de masculinidade serve à dominação na mesma medida em que priva os homens de suas vontades, os desconecta de suas emoções, prejudica suas relações interpessoais, os coloca em risco físico e prejudica a sociedade como um todo. A partir dessa denúncia feminista, desde então a masculinidade tradicional vem passando por seguidas contestações, com o modelo normativo sendo cada vez mais questionado e novas formas de “ser homem” sendo discutidas e aceitas. Nesse contexto, os indivíduos encontram-se em uma situação de conflito interno: ao mesmo tempo que passam a enxergar os benefícios de romper com atributos do modelo rígido, possuem enorme dificuldade em abandonar o modo de pensar e agir que os moldou e que sempre foi visto por eles como correto e aceitável.

É de extrema importância que o tema da masculinidade dominante e seus traços tóxicos seja trazido à tona e debatido de forma crítica, para que os homens possam cada vez mais fazer reflexões sobre sua experiência e assumir modelos mais saudáveis. A mídia torna-se relevante nesse contexto, funcionando tanto como espaço para debate quanto como fonte de material para análise crítica.

Este trabalho se propõe a expandir o debate sobre a masculinidade ao analisar sua representação nas letras das nove faixas da mixtape¹ *Echoes Of Silence* do cantor The Weeknd, um dos artistas musicais mais populares do mundo. Lançado de forma gratuita na internet em 2011, no início da carreira do cantor, esse projeto de R&B² alternativo é a última parte de uma trilogia de mixtapes que chamou a atenção do público pela atmosfera sonora escura e misteriosa, vocais angelicais e letras descritivas e pesadas, nas quais um interlocutor masculino mostra suas atitudes e sentimentos em um universo de festas, drogas, sexo e relações superficiais. O problema de pesquisa que buscamos resolver é “como a masculinidade se apresenta nas letras de *Echoes Of Silence*?”. O objetivo geral do trabalho é entender como questões relacionadas a padrões de masculinidade se inscrevem nas letras da mixtape, e os objetivos específicos que nos ajudarão a atingir isso são:

- a) entender como se configura o modelo de masculinidade adotado pelo eu lírico³ da obra;
- b) verificar se o eu lírico da obra apresenta conflitos internos em relação à sua masculinidade.

O método de pesquisa utilizado para alcançar esses objetivos será o de Análise de Discurso.

¹ Nos padrões da indústria musical contemporânea, uma mixtape é uma coletânea de músicas disponibilizada ao público de forma gratuita, geralmente com o objetivo de chamar a atenção para um novo artista e construir uma base de fãs (THE DIFFERENCE..., [2016?]). Essa definição se aplica a *Echoes Of Silence*, visto que as nove faixas do projeto foram lançadas via download grátis no site oficial de The Weeknd, e estão entre os primeiros lançamentos que elevaram a popularidade do cantor até ele assinar contrato com uma gravadora e começar a fazer seus primeiros lançamentos comerciais (BAUER, 2023).

² R&B é sigla para *Rhythm and Blues*, gênero musical com influências do jazz, soul, blues, rock, funk e música gospel, caracterizado principalmente pela presença de harmonias e melodias marcantes e envolventes (PONTES, 2022).

³ Eu lírico é o nome designado à voz que se manifesta em uma poesia, criada pelo autor, que não necessariamente representa a voz do próprio autor. O uso do eu lírico expande as possibilidades de criação poética, permitindo que o autor se expresse a partir de pontos de vista diversos (SOUZA, [2023?]).

Estruturalmente, este trabalho se divide em 5 capítulos, sendo a presente introdução o primeiro deles. No segundo capítulo, procuramos discorrer sobre o conceito de gênero a partir dos estudos feitos até o momento, buscando aprofundamento na questão da masculinidade hegemônica, explorando o conceito em sua complexidade e definindo suas particularidades, e por fim apresentaremos as observações de autores do tema da masculinidade quanto à experiência do indivíduo masculino, mostrando como se dá a adoção dos padrões tradicionais. No terceiro capítulo, destacaremos algumas das práticas do modelo de masculinidade normativo, observadas pelos autores do tema, e finalizaremos discorrendo sobre o movimento de contestação desse modelo, que vem crescendo desde os anos 70. O quarto capítulo é reservado à análise, começando com a apresentação do objeto de pesquisa, seguido da definição do *corpus*, justificativa da escolha pelo método de Análise de Discurso, explicação do método e, por fim, apresentação dos resultados. O último capítulo contemplará as considerações finais da pesquisa.

2 GÊNERO, PODER E A EXPERIÊNCIA MASCULINA

Toda a família está reunida no salão de eventos do prédio. Os donos da festa, a mulher grávida e o marido, estão no centro da roda, segurando um balão e um alfinete, ansiosos enquanto os convidados começam a contagem regressiva. A expectativa de todos é grande. 5... 4... 3... 2... 1! O casal estoura o balão, liberando uma explosão de confete azul. É um menino! A mãe se emociona e o pai extravasa de alívio, enquanto os convidados os abraçam e dão seus parabéns. “Mais um pro nosso futebol de terça!” exclama feliz o tio. “Vai ser arteiro que nem o pai!”, diz a prima. “As meninas da creche que se cuidem!” brinca o avô. No dia seguinte, os pais compram o enxoval, todo azul, e os familiares vão em busca de bolas, carrinhos, bonecos de super-heróis e uniformes de futebol para presentear o pequeno.

Os chás revelação, como são chamados os eventos como o descrito acima, cresceram em popularidade nos últimos anos e nos permitem observar como a sociedade enxerga de forma muito diferente os sexos masculino e feminino. Antes mesmo da criança nascer, a confirmação do seu órgão genital é suficiente para que uma série de expectativas e determinações sejam colocadas em cima dela pelos outros, sejam estes familiares ou não. No caso de um bebê macho, por exemplo, já é esperado o engajamento em atividades esportivas, é permitido que ele não seja tão comportado, e é criada a expectativa para que ele demonstre gostar de meninas e seja viril. Já no caso de um bebê fêmea, espera-se que ela tenha apreço pela maternidade e tarefas domésticas (reforçado com a introdução de brinquedos como bonecas de bebê e casinha), têm-se esperança maior de obediência e há temor quanto a sua fase de descobrimento sexual.

É fato que a sociedade em geral enxerga as diferenças entre homens e mulheres como naturais, resultantes das diferentes características biológicas entre pessoas com cromossomos XY e XX. São essas qualidades e traços supostamente natos que servem de justificativa para a discriminação entre seres do sexo masculino e feminino, inclusive delimitando seus espaços de atuação (PISCITELLI, 2009). Esse entendimento, profundamente enraizado, explica por que o sexo de uma criança ainda não nascida é uma informação considerada tão importante e reveladora. Para grande parte das pessoas, não se trata de uma simples característica genética ou fenotípica como o tipo sanguíneo, a cor dos cabelos ou a cor dos olhos. Saber o sexo do feto significa, no imaginário coletivo, ter uma antevisão de como ele vai ser no futuro, permitindo que

se suponha sua personalidade, comportamento, gostos, atividades que vai exercer, lugares que vai frequentar e até suas possibilidades de carreira e sua sexualidade.

Não apenas o sexo determina as expectativas em relação à criança, mas ele também irá pautar sua socialização e definir as normas às quais ela deverá se adequar desde cedo. Piscitelli (2009) afirma que após o nascimento, em todos os espaços de sociabilidade, essas normas vão sendo apresentadas à criança e aos poucos são incorporadas por ela, mesmo que sem perceber. Nolasco (1993) chama a atenção para o fato de que a convicção do sexo da criança por aqueles que a cercam é determinante para o desenvolvimento da sua identidade sexual e sua subjetividade. Assim podemos entender que, desde cedo, a criança tem as normas do seu sexo apresentadas e é incentivada a obedecê-las, o que não a deixa outra escolha a não ser buscar encaixar-se ao lugar que lhe foi designado.

2.1 HISTÓRIA E DEFINIÇÃO DO GÊNERO

A ideia dos genitais como fator determinante do lugar que um indivíduo ocupa na sociedade não é novidade na história. Até o final do século XVIII, acreditava-se em uma representação da anatomia sexual humana constituída por apenas um sexo, com homens e mulheres possuindo os mesmos órgãos genitais, porém dispostos de forma diferente: os do homem para fora do corpo e os da mulher para dentro (LAQUEUR, 2001). Sobre essa época, Silva (2006) explica que a anatomia masculina era vista como a referência de perfeição metafísica, o que fazia com que a mulher fosse considerada um “homem invertido” e, portanto, inferior, por estar mais distante do modelo considerado ideal. Segundo Santos (2010), essa percepção de inferioridade da mulher era continuamente justificada pela ciência médica da época.

Ao final do século XVIII, uma nova percepção da anatomia sexual humana passou a ser apresentada. Se até então o modelo predominante definia a diferença entre homens e mulheres como determinada por uma questão de grau, nesse período emergiu a crença em um “[...] novo modelo de dimorfismo radical, de divergência biológica” (LAQUEUR, 2001, p. 17). Ou seja, se antes homens e mulheres tinham o mesmo sexo, um “completo” e outro não, agora eles se tornam pertencentes a dois sexos totalmente distintos. Laqueur (2001) explica que os escritores passaram

a buscar diferenças biológicas definitivas entre o sexo masculino e feminino, posicionando um como o completo oposto do outro. Se a suposta inferioridade da mulher já era justificada por sua biologia no modelo com apenas um sexo, isso não mudou quando ela passou a ser considerada um ser totalmente diferente, já que segundo Laqueur (2001, p. 18),

A visão dominante desde o século XVIII, embora de forma alguma universal, era que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses "fatos". A biologia — o corpo estável, não-histórico e sexuado — é compreendida como o fundamento epistêmico das afirmações consagradas sobre a ordem social.

O autor cita o exemplo do professor de biologia Patrick Geddes, que atribuiu o “fato” das mulheres serem mais passivas a elas supostamente possuírem células anabólicas, que armazenam e conservam energia, enquanto os homens teriam células catabólicas, que liberam energia. Com isso, Geddes atribuía os papéis culturais e o lugar na sociedade de homens e mulheres à evolução humana, argumentando que essas diferenças na fisiologia celular resultam em diferenciações psicológicas e sociais (GEDDES; THOMPSON, 1889⁴, apud LAQUEUR, 2001).

A noção de uma determinação natural da posição social que homens e mulheres ocupam foi o elemento crucial para a manutenção da hierarquia de superioridade masculina. Segundo Scott J. W. (1995, p. 91), “As estruturas hierárquicas dependem de compreensões generalizadas das assim chamadas relações naturais entre homem e mulher”. Essa divisão se enraizou no imaginário coletivo de forma tão profunda ao ponto de não ser questionada, e ainda é possível perceber resquícios desse pensamento determinístico nos dias de hoje. Como explica Bourdieu (2010, p. 17),

A divisão entre os sexos parece estar "na ordem das coisas", como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas "sexuadas"), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

A isso podemos acrescentar que “A ordem masculina está, portanto, inscrita tanto nas instituições quanto nos agentes, tanto nas posições quanto nas disposições, nas coisas (e palavras), por um lado, e nos corpos, por outro lado” (LINS, 1998, p. 23). Sendo essa ordem tão

⁴ GEDDES, S. P.; THOMPSON, J. A., **The evolution of sex**: W. Scott, 1889.

onipresente e inevitável, nem mesmo as mulheres, oprimidas por ela e submetidas à dominação masculina, são capazes de pensar essa relação de forma crítica e reivindicarem outras posições.

Sobre isso, Lins (1998, p. 22) afirma:

Sempre que os dominados – nesse caso, as mulheres – apliquem a objetos do mundo natural e social – e, em particular, à relação de dominação em que foram pegos, bem como às pessoas através das quais essa relação se realiza (homens, mas também outras mulheres), esquemas não-pensados de pensamento, que são o produto da corporificação dessa relação de poder, seu atos de cognição serão inevitavelmente atos de mau reconhecimento. Esse mau reconhecimento leva-os a interpretar essa relação do ponto de vista do dominante, isto é, como natural, e com isso a conspirar por sua própria dominação, através da cumplicidade do corpo socializado.

Foi a partir da década de 1960, com a ascensão do movimento feminista ocidental, que autoras passaram a contestar a biologia como a fonte das diferenças sociais entre homens e mulheres, introduzindo o conceito de gênero. De acordo com Haraway (2004, p. 211), “a teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais ‘homens’ e ‘mulheres’ são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo”. A categoria de gênero, portanto, busca posicionar as desigualdades no campo das construções sociais, combatendo a crença de determinismo biológico que reinava até então (HOENISCH; CIRINO, 2010). Se Lins (1998, p. 19-20) afirma que a hierarquia masculina é tão eficaz porque “Ela legitima uma relação de dominação, inscrevendo-a numa natureza biológica que é, ela própria, uma construção social naturalizada”, a definição do conceito de gênero chega para quebrar com essa ação em duas frentes, como explica Piscitelli (2009, p. 119):

O termo gênero, em suas versões mais difundidas, remete a um conceito elaborado por pensadoras feministas precisamente para desmontar esse duplo procedimento de naturalização mediante o qual as diferenças que se atribuem a homens e mulheres são consideradas inatas, derivadas de distinções naturais, e as desigualdades entre uns e outras são percebidas como resultado dessas diferenças. Na linguagem do dia a dia e também das ciências a palavra sexo remete a essas distinções inatas, biológicas. Por esse motivo, as autoras feministas utilizaram o termo gênero para referir-se ao caráter cultural das distinções entre homens e mulheres, entre ideias sobre feminilidade e masculinidade.

O termo gênero, portanto, pode se referir às identidades subjetivas atribuídas a homens e mulheres, ou seja, seus papéis considerados adequados, mas com intensa ênfase na sua origem puramente social. Dessa forma, o gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (SCOTT J. W., 1995). No entanto, devemos ser cautelosos para não acabar reduzindo o gênero a

apenas a relação direta entre homens e mulheres, já que “[...] o gênero é uma estrutura ampla, englobando a economia e o estado, assim como a família e a sexualidade, tendo, na verdade, uma importante dimensão internacional” (CONNELL, 1995, p. 189). Assim, é importante sempre lembrar o aspecto político mais amplo do gênero, já que segundo Scott J. W. (1995, p. 88), “[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. A autora ainda chama a atenção para o caráter decodificador do gênero, já que através dele é possível compreender o significado das conexões entre formas de interação humana. De acordo com ela, a política constrói o gênero e o gênero constrói a política (SCOTT J. W., 1995).

Ao abordar a construção social da noção de gênero, Rodrigues Jr. (1996, p. 85) afirma que ela é “[...] sempre instaurada no social, na diferença e na historicidade.” A diferença, como já foi possível observar, é um dos pilares do gênero, sem ela não seria possível existir tal conceito. Não só deve haver diferença no gênero, mas ela deve ser substancial ao ponto de pautar relações de poder. É por isso que Scott J. W. (1995, p. 75) enfatiza que o termo “gênero”

[...] é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino.

Dessa forma, é impossível falarmos de mulheres sem falarmos de homens, e igualmente não podemos falar do que é ser homem sem ter em mente o que é ser mulher, como veremos com mais detalhes mais à frente. É importante reforçar aqui o caráter cultural, histórico e político do gênero, para não cairmos na falsa ideia de que ele se apresenta da mesma forma em todos os contextos, de maneira fixa. “Se o gênero é um produto histórico, então ele está aberto à mudança histórica. É a isso que nos referimos quando falamos de política do gênero” (CONNELL, 1995, p. 189). É dessa forma que este trabalho entende e propõe a visão de gênero, como categoria passível de mudanças, e que deve ser pensada criticamente com o objetivo de atingir uma sociedade mais justa e livre.

2.2 MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Na seção anterior foi apresentado o conceito de gênero, e vimos como homens e mulheres devem obedecer a um código de conduta construído socialmente para que sua identidade seja reconhecida. A atual seção se aprofundará no código masculino, buscando mostrar como uma forma específica de ser homem emerge ao status de referência, e como se configura a organização de poder entre esta forma e modelos alternativos.

Já estabelecemos que o gênero é, antes de tudo, político, e que ele pauta relações de poder. A masculinidade, como qualidade atribuída aos homens, tem papel primordial na manutenção da posição de privilégio em relação às mulheres. Connell (1995, p. 188) reforça a importância de não interpretarmos a masculinidade como um mero leque de personalidades, e sempre termos em mente o caráter político que nela está inscrito:

A masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de "masculinidades". Existe o perigo, nesse uso, de que possamos pensar no gênero simplesmente como um pout-pourri de identidades e estilos de vida relacionados ao consumo. Por isso, é importante sempre lembrar as relações de poder que estão aí envolvidas.

O autor ressalta que essa definição implica no entendimento de que toda ação tem “[...] uma racionalidade e um significado histórico” (CONNELL, 1995, p. 188). Assim, podemos entender a masculinidade como o conjunto coordenado de ações competentes que têm como objetivo a manutenção da posição de supremacia dos homens em relação às mulheres. Mas então, se o gênero é cultural e flexível, e por consequência a masculinidade também, é natural supormos que as diferentes formas de ser homem (as chamadas “masculinidades”, no plural) não contribuem para a dominação de gênero da mesma forma e com a mesma intensidade. Isso acontece porque as masculinidades, assim como os gêneros masculino e feminino, também se encontram em uma relação de hierarquia entre si, com um modelo ocupando uma posição superior e servindo como referência com a qual os outros se relacionam. “Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela”

(CONNELL, 1995, p. 189). Esse modelo, ao qual todos os outros estão subordinados, é chamado de masculinidade hegemônica.

Segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 245), a masculinidade hegemônica “[...] incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. A masculinidade hegemônica é, portanto, o modelo normativo de ser homem, e é ela que contempla as ações que contribuem para a manutenção da posição de privilégio dos homens em relação às mulheres. Esse modelo se apresenta na forma de exemplos de conjuntos de condutas masculinas que são exaltadas pelas instituições (como a igreja, a mídia e o Estado) e que se referem às realidades cotidianas da prática social, expressando ideais e fantasias muito difundidos entre os homens e se apresentando como uma possibilidade de viver as circunstâncias cotidianas (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Um dos possíveis exemplos de modelo de masculinidade apresentado pelas instituições (nesse caso, pela mídia) é o dos atletas profissionais. Connell e Messerschmidt (2013) afirmam que os esportes comerciais são um ponto focal para a representação de masculinidades pela indústria midiática, e apontam que pesquisas foram capazes de encontrar relação entre o conceito de masculinidade hegemônica e a grande popularidade dos esportes de contato e confronto. Ora, nem todo homem pode ser um atleta de alto nível, capaz de performar essa masculinidade baseada na imponência física, mas ela é absorvida e entendida de forma coletiva como uma forma admirável de mostrar-se homem. É por isso que

Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257)

Aqui é válido um comentário adicional para enfatizar que, embora toda especificação de masculinidade hegemônica esteja atrelada à criação de práticas discursivas, esse não é o único campo em que ela atua, já que as relações de gênero que ela pauta “[...] também são constituídas através de práticas não discursivas, incluindo trabalho assalariado, violência, sexualidade, trabalho doméstico e cuidado com as crianças, assim como através de ações rotineiras não refletidas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 258).

Podemos entender a masculinidade hegemônica, portanto, menos como um modelo rígido seguido pela maioria dos homens e mais como uma referência que eles buscarão nos momentos em que precisam reafirmar o seu poder. Connell e Messerschmidt (2013, p. 245) afirmam que “A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa”. É através de um consenso de admiração de determinadas práticas masculinas dentro de uma configuração social que os indivíduos passam a adotar essas práticas em momentos estratégicos, sem que o modelo idealizado precise ser incorporado em sua totalidade pela maioria da população masculina.

Vale destacar que a admiração coletiva por essas práticas não se limita à parcela masculina da população. Vimos na seção anterior que a dominação masculina é muito eficiente em se apresentar como natural e ser vista com passividade pelo grupo dominado, ou seja, as mulheres. De fato, a hegemonia de um determinado modelo de masculinidade é mais eficiente quando as mulheres o veem com benevolência, como apontaram os estudos analisados por Connell e Messerschmidt (2013) e que eles defendem em sua proposta de reinterpretação do conceito de masculinidade hegemônica. Esse tipo de dominação realizada com a complacência do grupo dominado é o que Bourdieu (2010, p. 7-8) chama de violência simbólica, descrita pelo autor como

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado [...]

Dessa forma, devemos sempre lembrar a importância da aceitação geral tanto dos homens quanto das mulheres para o sucesso da hegemonia. É a partir da execução de violência simbólica que um modelo de masculinidade pode se tornar hegemônico, atuando em favor da manutenção da dominação masculina enquanto é aceito sem contestação pelas mulheres.

É importante ressaltar que a masculinidade hegemônica não é uma categoria fixa. Pelo contrário, ela se apresenta das mais variadas formas em diferentes configurações sociais, não podendo ser definida por uma lista de características universais, pois “As masculinidades são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar

de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 250). Ainda segundo os autores, muitos estudos foram capazes de identificar múltiplos modelos de masculinidade em diversos países e em diferentes contextos institucionais (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Já definimos que o gênero é cultural, então não podemos cometer o erro de falar de masculinidade hegemônica sem levar em consideração as diferentes formas pelas quais a cultura pode influenciar sua construção.

Segundo Connell e Messerschmidt (2013, p. 267), masculinidades hegemônicas se constroem a partir da interseccionalidade entre diferentes graus de configuração social, podendo ser analisadas em 3 níveis:

1. local: construídas nas arenas da interação face a face das famílias, organizações e comunidades imediatas, conforme acontece comumente nas pesquisas etnográficas e de histórias de vida;
2. regional: construídas no nível da cultura ou do estado-nação, como ocorre com as pesquisas discursivas, políticas e demográficas; e
3. global: construídas nas arenas transnacionais das políticas mundiais, da mídia e do comércio transnacionais, como ocorre com os estudos emergentes sobre masculinidades e globalização.

Os autores ainda mostram a forma pela qual esses diferentes níveis podem influenciar masculinidades entre si:

Instituições globais pressionam ordens de gênero regionais e locais, ao passo que ordens de gênero regionais fornecem materiais culturais adotados ou retrabalhados em arenas globais e também modelos de masculinidade que podem ser importantes para as dinâmicas de gênero locais (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 267).

Além de apreender múltiplos modelos possíveis, a masculinidade hegemônica também está aberta a mudanças históricas, e passa por reconstruções com certa frequência. Isso é explicado pelo fato de que os contextos que um dia justificaram a elaboração de um determinado modelo mudam ao longo da história, e o padrão de práticas que costumava fornecer soluções às tensões de gênero em um determinado momento pode deixar de fazê-lo em situações modernas, tornando necessária a realização de ajustes (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Os autores defendem que essas mudanças também podem ser motivadas por contestações diretas, seja pelas novas gerações ou outros agentes interessados. Como já foi ressaltado, o reconhecimento e a aceitação coletiva são essenciais para que um modelo atinja a hegemonia. Por consequência

disso, o status hegemônico passa a ser ameaçado a partir do momento que algumas práticas começam a ser questionadas, e surge a necessidade de mudanças para que o modelo mantenha sua posição no topo da hierarquia. Essa contestação, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013, p. 272),

[...] ocorre continuamente, através dos esforços do movimento de mulheres (nos níveis local, regional e global), entre gerações em comunidades de imigrantes, entre modelos de masculinidade gerencial, entre rivais por autoridade política, entre reivindicadores por atenção na indústria de entretenimento, e assim por diante. A contestação é real, e a teoria de gênero não prevê qual prevalecerá – o processo é historicamente aberto. Em consequência, a hegemonia pode fracassar.

Esses são alguns exemplos das lutas sociais que Connell e Messerschmidt (2013) defendem que podem influenciar mudanças nos modelos hegemônicos a partir de masculinidades subordinadas. Esse processo descrito pelos autores envolve uma disputa constante pela conquista da hegemonia, com propostas diversas de modelos de masculinidade se apresentando como a forma correta de ser homem, buscando ganhar espaço e seguidores e se estabelecer como a nova norma, ou seja, como um novo modelo hegemônico (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). É dessa forma que se estabelecem trocas bilaterais de elementos, com a forma dominante sendo contestada pelas subordinadas e adquirindo novas soluções para tensões de gênero, e as formas subordinadas tendo a hegemônica como referência e invariavelmente adotando algumas de suas práticas. “Um grau de sobreposição e indefinição entre as masculinidades hegemônica e cúmplice é extremamente provável se a hegemonia é efetiva.” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 253).

Em resumo, este trabalho considera os seguintes aspectos essenciais para o entendimento sobre o conceito de masculinidade hegemônica:

- a) o conceito se refere a um conjunto de práticas que convergem para a manutenção da dominação masculina e a legítima ideologicamente;
- b) falar de masculinidade hegemônica implica reconhecer a existência de múltiplos modelos de masculinidade e de uma hierarquia entre eles;
- c) se apresenta na forma de exemplos de condutas masculinas exaltadas pelas instituições, podendo estar ligadas a figuras de grande autoridade;

- d) pode ser adotada estrategicamente em momentos específicos de acordo com as necessidades interacionais dos homens;
- e) não necessariamente é incorporada pela maioria dos homens;
- f) é sujeita a mudanças históricas, e pode ser contestada e influenciada por masculinidades subordinadas na medida que essas apresentam novas soluções para as tensões de gênero;
- g) modelos hegemônicos se constroem e reconstroem em nível local, regional e global.

É esse conceito de masculinidade que será abordado neste trabalho, em toda a sua complexidade. Ao falarmos de masculinidade hegemônica, estaremos admitindo sua mutabilidade histórica e cultural, e levaremos em consideração todos os seus aspectos, sejam eles positivos, negativos ou neutros. Collier (1998⁵, apud CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013) critica a associação do termo a características estritamente negativas, que retratam os homens como seres intrinsecamente agressivos e servem como explicação para atos criminosos. Esse uso do termo coloca práticas nocivas como as únicas características definidoras da masculinidade hegemônica, ignorando a pluralidade das suas configurações (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Nos últimos anos, se popularizou o termo “masculinidade tóxica” na mídia e nas conversas cotidianas. O uso dessa expressão pode ser problemático, já que ela desconsidera a complexidade da construção de modelos normativos de masculinidade e reduz a identidade masculina a um número de práticas negativas específicas. Além disso, Harrington (2021) afirma que o termo pode ser usado de forma a classificar homens de classes marginalizadas como agressivos e criminosos, contribuindo para os interesses de políticas conservadoras e valores familiares patriarcais. A autora ainda afirma que a definição de práticas masculinas como tóxicas pode favorecer que homens que se afastam dessas práticas neguem seu privilégio masculino (HARRINGTON, 2021).

Isso não significa, entretanto, que este trabalho deixará de propor um olhar crítico às práticas que configuram modelos hegemônicos de masculinidade. Tais práticas podem ter

⁵ COLLIER, R. **Masculinities, crime and criminology**: men, heterosexuality and the criminal(ised) other. London: Sage, 1998.

consequências negativas nas vidas de homens e mulheres, e esta monografia se propõe a expandir o debate sobre elas, estimulando a contestação dos modelos normativos para que estes possam ser reconfigurados em novas formas socialmente enfatizadas mais saudáveis de ser homem.

2.3 A EXPERIÊNCIA MASCULINA E A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE

Na seção anterior vimos como funciona a estrutura de poder da masculinidade, com determinados modelos emergindo como hegemônicos, ou seja, normativos, e modelos subordinados se organizando em torno deles, tendo a eles como referência mas também detendo o poder de influenciá-los a mudanças conforme contestações acontecem. Até agora, observamos a masculinidade estritamente como uma configuração de poder de gênero, buscando afastamento de atribuições de características práticas, a fim de salientar seu caráter de construção social sujeita a mudanças históricas e seu caráter cultural, que permite variações de acordo com a configuração social na qual as relações de gênero acontecem. Na atual seção, passaremos a enxergar a masculinidade com um olhar mais prático, reunindo as observações feitas pelos estudos disponíveis sobre a experiência de meninos e homens na busca de assumir sua identidade masculina, e as principais normas que se apresentam como necessárias para a conquista do status de homem na nossa sociedade.

Como foi sugerido na história do chá revelação que introduziu este capítulo, o incentivo à adoção de um modo de ser considerado adequado para o sexo masculino é iniciado mesmo antes dos meninos virem ao mundo. A partir da confirmação dos genitais, os familiares se sentem convocados a uma missão cujo objetivo é garantir a todo custo que o novo ser humano que está para chegar assuma um padrão de comportamento considerado normal para o seu sexo. Inicialmente os esforços se traduzem na escolha “correta” das roupas e brinquedos que a criança irá usar nos primeiros meses de vida, depois evoluem para o engajamento em algumas atividades específicas atribuídas aos meninos e afastamento de outras destinadas às meninas, e por fim é exercido o controle rígido do comportamento, com a repreensão de ações que se encontram fora da cartilha masculina. Como explica Nolasco (1993, p. 42):

O cotidiano dos meninos está permeado por observações tais como: "isto é brinquedo de menina", "menino não chora", "menino não abraça nem beija outro menino, só os maricas", "você transou com ela? Não? É muito bobo!", "você é um medroso, parece mulher". Enfim, uma gama de afirmações vindas em um primeiro momento da família, posteriormente da escola e das relações sociais, fará crer aos meninos que existe um homem viril, corajoso, esperto, conquistador, forte, imune a fragilidades, inseguranças e angústias. Os meninos crescem achando que os outros são assim, e quando são repreendidos por não estarem se comportando como deveriam, se sentem problemáticos em relação ao modelo.

Os meninos são, portanto, controlados em seu comportamento em diferentes momentos. Inicialmente é a família que detém o monopólio da socialização da criança e a expõe pela primeira vez às regras de como ser homem. Conforme os meninos vão crescendo e expandindo suas camadas de convivência social (ao interagir com cuidadores e outras crianças nas creches e na vizinhança, por exemplo), a repetição das normas de comportamento nesses novos espaços de socialização reforçam aos pequenos a ideia de legitimidade do código estabelecido e necessidade de segui-lo. A criança, que busca nos outros um modelo a ser seguido e sente necessidade de adequação social, se agarra com todas as forças a essas regras e faz delas mantras, que passarão a ser filtros inconscientes que irão influenciar sua interação com o mundo à sua volta.

Segundo Nolasco (1993), diversos controles pedagógicos são aplicados aos meninos durante sua educação, com o objetivo de reprimir qualquer comportamento ou fantasia que represente um indício de desvio da norma masculina. Quando se apresentam, esses desvios jamais serão ignorados, mas sim observados com extrema cautela e tratados como problemas médicos, psíquicos ou morais, que devem ser corrigidos para que a integridade do desenvolvimento sexual da criança se mantenha dentro do que é considerado normal (NOLASCO, 1993). Esses controles podem se apresentar na forma de repreensões verbais e afirmações generalistas quanto aos deveres e proibições dos homens, como vimos que afirma Nolasco e De Paula e Da Rocha (2019, p. 84) reforçam: “[...] desde pequenos os meninos já carregam a carga do que se espera deles no futuro; ouvindo frases como ‘homem não chora’, ‘aja como um homem’, ‘parece mulherzinha’, ‘filho meu tem que ser pegador’ etc. [...]”. O medo de repreensão faz os meninos suprimirem suas vontades naturais em virtude de assumir uma imagem irreal de si, e no longo prazo esse medo se transforma em crenças fortemente enraizadas quanto ao papel masculino. Aí está emoldurada a contradição que sustenta a noção generalizada de diferença entre os sexos, e que a sociedade em geral se recusa a questionar: como

pode ser considerado natural um conjunto de comportamentos que é assumido na base do medo, do controle rígido e da punição?

Essa pressão em favor da conformidade não é exercida apenas nas fases de formação dos homens, ela é uma força constante que os acompanha em todas as fases da vida, sendo exercida não só pela família, escola e colegas, mas também pela mídia e pelos empregadores (CONNELL, 1995). Dessa forma, a noção de papel masculino ideal é lembrada e reforçada a todo momento e em todos os âmbitos sociais, mantendo seu status de regra natural e necessária para a manutenção das relações sociais moralmente corretas, e aumentando a chance de que os participantes desse jogo passem a vida toda se adequando às normas sem ao menos questioná-las. Os homens têm sua subjetividade limitada e se distanciam da formação de uma visão particular sobre si mesmos (NOLASCO, 1993), ao mesmo tempo que as mulheres aceitam e até prezam pela adoção masculina dos modelos hegemônicos que contribuem para sua própria dominação – lembremos aqui do conceito de violência simbólica trazido por Bourdieu (2010).

A fim de evitarmos cair em definições levianas, é pertinente destacar que Connell (1995) considera incompleta essa narrativa de construção da masculinidade através da pressão pela conformidade em vários âmbitos, e sugere três correções. A primeira é lembrar que não é construída apenas uma forma de masculinidade, já que modelos hegemônicos sempre têm modelos subordinados que se posicionam ao seu redor e em relação a eles. A segunda é não tomar como mecânica e apática a apropriação da masculinidade pelos homens, ignorando que há emoções e prazeres em se aproximar de um modelo considerado ideal e que, sendo assim, a masculinidade pode ser descrita como um projeto individual que é perseguido ao longo da vida. Por fim, o autor sugere que o projeto da masculinidade pode também ser coletivo, com grupos específicos construindo, cultivando e exibindo modelos particulares de masculinidade (CONNELL, 1995). Mais adiante, veremos com mais detalhes como grupos masculinos têm papel relevante na apropriação e reafirmação da masculinidade.

É possível observar, a partir de algumas das frases citadas por autores como moldadoras do comportamento das crianças, que há uma ênfase especial em separar de forma clara e inflexível as atitudes “de menino” das “de menina”. Nolasco (1993, p. 45) afirma que a diferenciação entre os dois sexos “[...] se faz por meio da exclusão, no cotidiano, dos aspectos culturais que definem o masculino e o feminino, que por sinal culmina com as definições e

atribuições de tarefas que competem a um menino e a uma menina”. Ainda segundo o autor, a família, escola e demais instituições vigiam de perto as brincadeiras, expressões e comportamentos da criança a fim de garantir que ela se mantenha em sintonia com a cartilha do modelo patriarcal (NOLASCO, 1993). Principalmente no que diz respeito às emoções, com afirmações como “homem não chora”, o universo masculino e feminino são colocados em relação de oposição, com os homens tendo a obrigação de suprimir qualquer demonstração emotiva para ser considerado forte, firme e viril, enquanto as mulheres podem demonstrar sensibilidade sem ter sua identidade feminina questionada.

Os meninos aprendem desde cedo a interpretar a emotividade feminina como caótica e instável, e por isso classificam essa característica como inferior (NOLASCO, 1993). Esse é um exemplo de como um modelo de masculinidade hegemônica contribui para a dominação de gênero, ao definir comportamentos masculinos ideais ao mesmo tempo que aponta inferioridade no comportamento feminino oposto. Assim, os homens aprenderão desde cedo a moldar seu comportamento de forma a evitar sinais de sensibilidade, considerados parte do universo das mulheres, para evitar serem rotulados como fracos (BENTO, 1999). Os meninos são mantidos alheios às suas demandas afetivas, e assim cria-se uma negação, desvalorização e conseqüente distanciamento de seu lado emotivo (NOLASCO, 1993), o que pode resultar em sofrimento ao longo da vida, já que as emoções são intrínsecas ao ser humano e escondê-las exige um esforço doloroso.

De fato, a oposição aos aspectos atribuídos ao mundo feminino é uma das principais forças que pautam a definição do que é ser homem. De acordo com Badinter (1993, p. 11), “Ao contrário do que diz a ideologia do patriarcado, os homens não são os primeiros referenciais da humanidade, e sim as mulheres. É em relação a elas e contra elas que eles se definem”. Dessa forma, podemos entender que os modelos normativos de masculinidade não se constroem de forma isolada, mas sim em permanente relação ao modelo normativo de feminilidade. No ideal patriarcal, ser homem é, antes de tudo, não ser mulher, e os gêneros estão em oposição em todos os seus aspectos. A diferenciação dos meninos das meninas, na prática, se dará através de uma série de operações com o objetivo de estimular as práticas consideradas apropriadas para o sexo da criança em questão, ao mesmo tempo que desencoraja condutas resguardadas ao outro sexo e, portanto, impróprias (BOURDIEU, 2010). Essa separação de atributos “de homem” e “de

mulher” não é meramente uma definição de personalidades distintas igualmente respeitáveis, já que uma das constantes da vivência masculina é a desvalorização do feminino (SANTOS, 2010). Não podemos esquecer que o gênero pauta relações de poder e que modelos hegemônicos de masculinidade trabalham a favor da dominação dos homens sobre as mulheres. Dessa forma, tudo que é definido como parte do universo feminino é classificado como fraco, passivo e inferior.

Connell e Messerschmidt (2013) nos dizem que, originalmente, o conceito de masculinidade hegemônica foi elaborado em relação à ideia de uma forma igualmente normativa de feminilidade, chamada pela literatura de “feminilidade enfatizada”. Esse conceito merece atenção, visto que os autores defendem que “O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.265). Sendo assim, sempre que falarmos de modelos de masculinidade normativos, estará implícita a existência de um modelo de feminilidade considerado ideal e cuja adoção pelas mulheres será incentivada, em relação a qual o modelo masculino hegemônico se colocará em oposição.

Welzer-Lang (2001) enfatiza a necessidade na socialização masculina de se lutar para não ser associado a uma mulher, sob pena de ser tratado como uma. Nesse contexto, o feminino é “[...] o pólo de rejeição central, o inimigo interior que deve ser combatido [...]” (WELZER-LANG, 2001, p. 465). De fato, a luta pelo afastamento do mundo feminino começa desde o nascimento, com o menino tendo sua existência possível apenas através da oposição à sua mãe e sua condição de bebê passivo, abandonando o ventre feminino que um dia foi seu lar (BADINTER, 1993). Ao longo do desenvolvimento do menino, ele passará por ritos de emancipação da ligação materna, que segundo Bourdieu (2010, p. 35-36):

[...] têm por função emancipar um menino com relação à sua mãe e garantir sua progressiva masculinização, incitando-o e preparando-o para enfrentar o mundo exterior. A pesquisa antropológica descobre, realmente, que o trabalho psicológico que, segundo certa tradição psicanalítica, os meninos têm que realizar para cortar a quase-simbiose original com a mãe e afirmar uma identidade sexual própria é expresso e explicitamente acompanhado, ou mesmo organizado, pelo grupo que, em toda uma série de ritos de instituição sexuais orientados no sentido da virilização e, mais amplamente, em todas as práticas diferenciadas e diferenciadoras da existência diária (esportes e jogos viris, caça etc.) encorajam a ruptura com o mundo materno [...]

Assim, podemos entender que o afastamento do mundo feminino materno e a consequente introdução ao mundo masculino são feitos através de uma série de ritos cujo objetivo é a

obtenção de virilidade, que são apresentados aos meninos por grupos. Esses grupos podem ser tanto institucionais, como escolas e instituições militares, apresentando provas de virilidade com o objetivo de estimular solidariedades viris (BOURDIEU, 2010), quanto turmas e gangues masculinas que se reúnem com o objetivo de romper com a cultura familiar feminina que os meninos vivenciaram até então para dar início a uma nova cultura masculina que será mantida por esses novos homens pelo resto da vida (BADINTER, 1993).

Segundo a autora, a cultura familiar é uma cultura feminina em razão das mudanças na criação dos filhos em consequência da nova divisão sexual do trabalho com o surgimento de uma sociedade industrial em meados do século XIX. A partir desse período, os pais passaram a abandonar o ambiente familiar para trabalhar longe, e o contato com os filhos foi fortemente reduzido. Assim, a função social esperada e incentivada para as mulheres passou a ser a de dona de casa e cuidadora das crianças, e a masculinidade normativa passou a exaltar com menos intensidade a força física e a honra, dando lugar a uma maior valorização do sucesso profissional e da riqueza, além de tornar aceitável que os homens não exerçam a paternidade. Diante desse cenário de criação exclusiva pela mãe e falta de um pai presente que sirva de modelo de virilidade, os meninos passaram a encontrar nos grupos, longe da família, o ambiente para romper com o mundo materno e adentrar o mundo masculino (BADINTER, 1993).

Dentro desses grupos, os mais velhos têm o papel de masculinizar os mais novos, abrindo as portas de um mundo que eles já conhecem melhor. Essas figuras, que podem até ser homens já adultos, tomam um papel de liderança, tendo sua autoridade reconhecida pelos demais (BADINTER, 1993). São eles que apresentam os ritos cuja participação dos mais novos irá conferir-lhes o status de homens viris. Esses líderes podem existir em grupos sem uma hierarquia formal ou, no caso de grupos institucionais, podem se apresentar em figuras com autoridade formalmente reconhecida, como a de professor, superior militar ou treinador esportivo. O esporte, aliás, é a principal iniciação à virilidade em algumas culturas, como a americana. Segundo Badinter (1993, p. 94), “É nesse terreno do esporte que o pré-adolescente americano ganha seus galões de macho. Ali ele mostra publicamente seu desprezo pela dor, o controle do corpo, a força de seus golpes, a vontade de ganhar e esmagar os outros”. Connell e Messerschmidt também destacam que “Na juventude, as habilidades corporais se tornam um indicador primeiro de masculinidade, conforme vemos no esporte” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269).

Assim, podemos entender que os esportes competitivos e violentos são exemplos de provas de virilidade, por serem atividades que permitem que os meninos exibam suas qualidades alheias ao mundo maternal diante de outras pessoas, a fim de serem reconhecidos como homens.

O caráter exibicionista destes ritos de virilidade é importante e merece atenção. Bourdieu (2010, p. 65) afirma que “[...] a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens’ ”. O autor ainda acrescenta que “A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, construída, primeiramente, dentro de si mesmo” (BOURDIEU, 2010, p. 67). Sendo assim, sempre que falarmos de virilidade, estaremos nos referindo à noção de reconhecimento de um homem como tal pelas pessoas ao seu redor. Um homem constrói a ideia de virilidade dentro de si, mas ele não pode ser “verdadeiro” apenas por sua própria convicção, ele necessariamente precisará demonstrar sua virilidade para que as outras pessoas a reconheçam e ele se torne merecedor do título de homem.

Não podemos, entretanto, cair na armadilha de pensarmos que as exhibições de virilidade são obrigações que os homens atendem contra sua vontade consciente. De Paula e Da Rocha (2019) verificam que os homens que buscam assumir uma masculinidade normativa sentem emoções positivas ao se reafirmar como macho dominador. Essa constatação reforça a visão de Connell (1995) da masculinidade como um projeto individual perseguido ao longo da vida. Apesar de os homens precisarem se esforçar para exibir sua virilidade de forma quase teatral e receberem reconhecimento, essa imagem já está construída internamente, o que caracteriza as demonstrações como vontades, e faz o sucesso em sua execução ser acompanhado de prazer.

As provas de virilidade começam cedo na vida dos meninos. Fine (1986) mostra que pré-adolescentes engajam no que ele chama de “brincadeiras sujas”, que são feitas pelos rapazes quando longe dos olhos dos adultos. Alguns exemplos que o autor apresenta são pegadinhas nojentas e agressivas, conversas de cunho altamente sexual e manifestação de desejo sexual por meninas. A presença e testemunho dos colegas na execução dessas atividades é um fator crucial, visto que o objetivo é o ganho de status perante o grupo pela exibição de audácia. Isso fica claro quando o autor afirma que, para os meninos, “Um beijo público, se feito da forma certa, pode valer por mil carícias em sigilo” (FINE, 1986, tradução nossa). Badinter (1993) relaciona esse

tipo de atividade ruidosa e o gosto pela obscenidade por parte dos meninos aos ritos de virilidade, afirmando que são formas de se opor ao universo feminino materno onde isso é proibido. Mais adiante na vida dos homens esses ritos se transformam e podem se apresentar, por exemplo, na forma de visitas a bordéis, participação na guerra, homofobia e envolvimento em atos de violência, em especial contra mulheres (SANTOS, 2010). Podemos entender, assim, que as provas de virilidade acompanharão os homens por toda a sua vida, em maior ou menor grau.

A existência desses ritos deixa explícita uma diferença aguda na socialização dos homens em relação à das mulheres. Enquanto os homens devem provar sua masculinidade frequentemente para ter seu valor enquanto macho reconhecido, a feminilidade parece ser dada às mulheres e validada sem maiores exigências. Segundo Guy Corneau, a menstruação é o processo natural que fundamenta a identidade feminina, enquanto os homens passam por um processo educativo para adquirir sua identidade (CORNEAU, 1989⁶, apud BADINTER, 1993). Como pudemos ver, a virilidade é um título que deve ser colocado à prova e conquistado, não podendo um homem ser reconhecido como tal sem o sucesso nessa tarefa. Não apenas o homem tem o desafio de conquistar a masculinidade, mas ele também deve reafirmá-la constantemente para manter sua validade. Sendo assim, Badinter (1993, p. 4) define o homem como “[...] uma espécie de artefato e, como tal, corre sempre o risco de apresentar defeito. Defeito de fabricação, falha na maquinaria viril, enfim, um homem frustrado”. A masculinidade, na prática, se apresenta menos como um atributo e mais como um tipo de status que pode ser perdido e exige dedicação para ser mantido (SILVA, 1999). Esse esforço intrínseco à experiência masculina indica, mais uma vez, que os papéis de gênero nada têm de natural.

⁶ CORNEAU, G., **Père manquant, fils manqué. Que sont les hommes devenus?** Montreal: Les Éditions de l'Homme, 1989.

3 A MASCULINIDADE TRADICIONAL E MOVIMENTOS DE CONTESTAÇÃO

O objetivo final dos ritos de virilidade é a criação de homens alinhados a um modelo hegemônico de masculinidade dentro das configurações sociais em que eles se encontram. Lembrando do caráter social e cultural da masculinidade hegemônica, é possível concluir que diferentes contextos sociais dão origem a diferentes tipos de ritos e estimulam a construção de diferentes modelos de masculinidade. Apesar de reconhecermos a pluralidade de masculinidades hegemônicas possíveis, não devemos nos afastar da delimitação de um conjunto de características centrais que podem ser encontradas nelas. A masculinidade hegemônica, mesmo submetida a mudanças históricas e variações culturais, ainda apresenta sobreposições com um modelo tido como tradicional (SILVA, 2006). A definição do que é ser homem, de acordo com esse modelo,

[...] encerrava-se numa polaridade negativa (não poder chorar, não demonstrar seus sentimentos, não ser mulher ou homossexual, não amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não ser um fraco, covarde, perdedor e passivo nas relações sexuais, etc.) e afirmativa (ser forte, corajoso, pai, heterossexual, macho, viril, provedor da família, dominador, destemido, determinado, autoconfiante, independente, agressivo, líder, etc.) na constituição dos traços e papéis sociais. As possibilidades descritivas encerravam-se também numa relação de “ter” (força, dinheiro, músculos, um corpo definido, um pênis, um cromossomo Y, um lar, um filho homem, controle das emoções, emprego fixo e tantas mulheres quanto fosse possível durante sua vida sexual ativa) e “poder executar tarefas”, tais como “fazer um filho”, “manter relações sexuais com várias mulheres”, “sair de situações difíceis”, “servir à pátria”, “sustentar a família”, entre outros, ou seja, querendo ou não, os ideais tradicionais de masculinidade vão se reportar sempre ao dado anátomo-fisiológico, bem como aos aspectos psicológicos que hierarquicamente estabeleceram e mantiveram o domínio dos homens sobre as mulheres (SILVA, 2006, p.126).

Podemos entender todas essas atribuições como pedaços da imagem que os homens buscam construir a partir do sucesso em provas de virilidade ao longo da vida. Ao entenderem as regras do jogo da masculinidade, os indivíduos passam a procurar reforçar sua identidade como homem em todas as situações que cruzarem seu caminho. A virilidade construída dentro do indivíduo funciona como um filtro, que define a forma com a qual ele interage com o mundo ao seu redor. Assim, em determinadas circunstâncias do dia a dia ou em determinados espaços, é possível observar alguns tipos de reação masculina predominantes, que representam práticas inscritas dentro de modelos hegemônicos alinhados ao modelo tradicional. A presente seção do

trabalho pretende refletir sobre algumas das práticas masculinas que são observadas no cotidiano e documentadas pelos estudos disponíveis, mostrando como homens e mulheres são afetados por elas.

3.1 PRÁTICAS DA MASCULINIDADE TRADICIONAL

Em primeiro lugar, não podemos deixar de retomar a noção de dominação dos homens sobre as mulheres. Lembrando que o gênero é um campo dentro do qual o poder é articulado (SCOTT J. W., 1995), que esse poder dentro da sociedade patriarcal se configura tendo os homens como dominadores e as mulheres como dominadas, e que modelos hegemônicos de masculinidade são configurações de práticas que têm como objetivo final a manutenção dessa relação de dominação, podemos concluir que diferentes tipos de violência contra as mulheres estão inscritos nas práticas cotidianas dos homens que buscam adotar um modelo de masculinidade tradicional.

Ao buscar se diferenciar fundamentalmente dos atributos tidos como femininos, a masculinidade traz para si tudo que se considera mais forte, respeitável e válido, ao mesmo tempo em que exerce uma visão desvalorizante em cima do feminino, enxergando tudo que é tido como parte desse universo como fraco, passivo e descartável. Essa hierarquia de atribuições se traduz em esforços por parte da sociedade de posicionar as mulheres em um espaço social reservado a elas, através de uma criação especial, controle de comportamento, representações de realidades possíveis na mídia, entre outros. O processo é similar ao que são submetidos os meninos, como abordamos anteriormente, com a diferença que as meninas são direcionadas à uma posição de subordinação. O resultado final é a limitação das atividades, espaços e ciclos de vida possíveis para as mulheres na sociedade, como explica Bourdieu (2010, p. 18):

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos.

Sobre a divisão sexual do trabalho, Bourdieu (2010) detalha que ela se configura de forma a atribuir aos homens a responsabilidade pelos atos perigosos e espetaculares, como o abate do gado e a colheita, além dos serviços que rompem com o curso normal da vida, como lutar na guerra, enquanto às mulheres são atribuídos os trabalhos mais privados, distantes dos olhares de admiração e que estão contidos no funcionamento ordinário da vida, como os serviços domésticos e o cuidado das crianças e dos animais. Ao ligar atributos como coragem, firmeza e competitividade ao universo masculino e distanciá-los do mundo feminino, a sociedade patriarcal acaba por excluir sistematicamente as mulheres de determinadas profissões e posições de liderança, como explica Bourdieu (2010, p. 78):

A definição de um cargo, sobretudo de autoridade, inclui todo tipo de capacitações e aptidões sexualmente conotadas: se tantas posições dificilmente são ocupadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como oposta às mulheres tais como elas são hoje. Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estatura física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a "distância em relação ao papel", a autoridade dita natural etc., para as quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens.

Essa delimitação de atuações, ao se auto justificar como natural, é aceita pelas mulheres, que acreditam possuir vocação para as atividades designadas a elas. Isso se explica pela legitimação da visão androcêntrica pelas próprias práticas que a configuram, colocando a subordinação feminina na ordem das coisas, o que faz com que as mulheres enxerguem sua posição como natural (BOURDIEU, 2010). Aqui vemos um exemplo de violência simbólica, invisível aos dominados, que limita as possibilidades na vida das mulheres ao mesmo tempo que não as permite sonhar com diferentes caminhos. Mesmo quando o acesso de mulheres a todos os espaços e profissões é permitido, proibições explícitas são abolidas e os direitos formais se igualam aos dos homens, a tendência ainda é que as mulheres se coloquem em posições que são esperadas delas, já que “[...] a experiência prolongada e invisivelmente mutilada de um mundo sexuado de cima a baixo tende a fazer desaparecer [...] a própria inclinação a realizar atos que não são esperados das mulheres – mesmo sem estes lhes serem recusados” (BOURDIEU, 2010, p. 77). Assim, as mulheres sofrem de forma simultânea com obstáculos visíveis à ocupação de determinadas posições na sociedade e com a inclinação interna à ocupação dos lugares que já

estão destinados a elas, devido a uma falsa noção de vontade própria. Considerando como aspectos da dominação masculina a limitação das atividades que as mulheres devem desempenhar, do comportamento que elas devem adotar e dos espaços que elas devem ocupar, podemos concluir que quaisquer ações executadas por homens que reforcem a ideia de papéis femininos ideais são práticas de masculinidades hegemônicas.

Essa misoginia silenciosa provocada pela sociedade patriarcal não é o único tipo de violência relacionada à masculinidade tradicional que as mulheres sofrem. Também existem as violências físicas mais diretas, como a agressão, o assédio sexual e o estupro. Todos esses atos possuem significado histórico, no sentido em que são esforços que contribuem para a manutenção da supremacia masculina, atos competentes para essa finalidade, e que não podem ser isolados de uma lógica patriarcal de dominação, como mostra a pesquisa feminista (CONNELL, 1995). Mais uma vez é possível ver como a atribuição de elementos de identidade masculina e feminina se relacionam com padrões de opressão. Segundo Badinter (1993, p. 99), “A identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força. A identidade feminina, ao fato de ser possuída, dócil, passiva, submissa”. A partir dessas crenças, homens sentem que possuem direito sobre o corpo feminino, afirmando sua dominação de forma física enquanto as mulheres só podem aceitar de forma passiva as violências às quais são submetidas. Por serem ações com propósito histórico que agem em favor da dominação masculina, atos de agressão e violência sexual contra mulheres também são práticas contidas em modelos hegemônicos de masculinidade.

Além das mulheres, os homens homossexuais também são vítimas de violências inscritas em modelos masculinos tradicionais. Em primeiro lugar, sua própria existência invalida sua identidade masculina perante a sociedade, visto que, segundo Badinter (1993), a maior parte das sociedades patriarcais considera a heterossexualidade como a única orientação sexual possível para os homens. A própria definição do gênero implica a sexualidade, atribuindo valor masculino à dominação, penetração e posição ativa no ato sexual, e definindo como feminino (e, portanto, inferior) os atos de ser dominado, penetrado e assumir uma posição sexual passiva (BADINTER, 1993). A passividade é um fator importante nesse contexto, já que ela é o principal denominador do que a sociedade entende por homossexual. A prática homossexual ativa pode ser vista como

afirmação do poder do homem, enquanto a prática passiva é entendida como símbolo de resignação dos valores masculinos (REYNAUD, 1981⁷, apud BADINTER, 1993).

Assim, a masculinidade tradicional enxerga os homossexuais como homens decadentes por assumirem qualidades femininas e representarem “[...] um afrontamento à condição de macho do homem viril” (SANTOS, 2010, p.62), e direciona esforços violentos a fim de promover a manutenção da dominação masculina. A homofobia faz parte da masculinidade heterossexual tradicional, chegando ao ponto da repulsa e agressividade explícita em relação à homossexualidade e a reafirmação constante da heterossexualidade se tornarem atitudes importantes para a manutenção da identidade e confiança de muitos homens (BADINTER, 1993). Dessa forma, podemos definir como práticas pertencentes a masculinidades hegemônicas quaisquer atos que promovam a homofobia.

Também ligada à masculinidade tradicional está a exaltação à performance sexual e à grande quantidade de conquistas sexuais. Mesmo pequenos, os meninos são alvos de expectativas em relação à sua vida sexual, sendo incentivados a terem suas primeiras experiências o mais cedo possível, a manterem múltiplas parceiras e a serem capazes de satisfazê-las (NOLASCO, 1993). Já desde cedo na vida dos meninos, um olhar sexual é posicionado sobre suas relações com as meninas:

Durante a socialização de um menino, em nenhum momento lhe é estimulado estabelecer com a menina uma relação que fique fora das fronteiras do objeto. Já na infância a aproximação de um menino com uma menina é vista como uma relação de namoro. Na medida em que eles vão crescendo esta dimensão se torna cada vez mais acentuada, assumindo características eminentemente reprodutoras. O sexo, neste contexto, se opõe a qualquer outra possibilidade de contato entre um homem e uma mulher, confirmando a expectativa que nossa cultura tem para os gêneros: empurrá-los um para o outro (NOLASCO, 1993, p. 131).

Assim, os homens passam a entender a aproximação afetiva com mulheres como uma aproximação sexual, lidando com essa ansiedade ao classificar as garotas como possíveis parceiras (NOLASCO, 1993). É possível verificar a existência deste fenômeno ao analisarmos a frase “não existe amizade entre homem e mulher”, bastante difundida e que implica que uma relação entre um homem e uma mulher só pode existir no campo sexual. O ciúme excessivo que os rapazes apresentam em relação aos amigos homens de sua parceira é um comportamento que

⁷ REYNAUD, E. *La sainte virilité*. Paris: Syros, 1981.

também escancara a visão masculina das mulheres como objetos de desejo sexual. Essa visão exclusivamente sexual das mulheres, portanto, também está inscrita nas práticas da masculinidade hegemônica.

No ponto de vista da masculinidade tradicional, o sexo é uma relação de dominação, com o homem, ativo, conquistando o corpo da mulher, passiva. Bourdieu (2010, p. 31) explica que essa divisão fundamental “[...] cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada [...]”. O autor reforça essa relação de desejo bilateral ao afirmar que “O gozo masculino é, por um lado, gozo do gozo feminino, do poder de fazer gozar [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 30). Nesse contexto, um homem se afirma como viril ao demonstrar que consegue dominar muitas mulheres sem falhar. Assim, no que diz respeito à vida sexual, a valorização da quantidade de conquistas, da liberdade de ação e do espírito de aventura são referências de identidade masculina (NOLASCO, 1993). Por precisarem da aprovação dos outros ao seu redor para ter sua virilidade validada, os homens apresentam tendência a contar vantagens e méritos para seus amigos, principalmente em relação às suas conquistas sexuais, mesmo que suas narrativas sejam modificadas por suas fantasias (NOLASCO, 1993). Assim, são também práticas da masculinidade tradicional tudo que demonstre supervalorização dos feitos sexuais dos homens.

Não apenas o acesso ao ato sexual é importante para um homem provar-se viril, a performance nas relações também é uma preocupação para a identidade masculina tradicional. Isso pode ser explicado pelo fato de que o pênis recebe uma valorização exagerada no imaginário masculino hegemônico, a ponto de ser capaz de resumir o status de ser homem e o grau de qualidade desse status (BADINTER, 1993). Sendo assim, ter um pênis e conseguir usá-lo com vigor é uma tarefa entendida como crucial para a obtenção de virilidade. De acordo com Bourdieu (2010), a noção de virilidade, no sentido de honra e qualidade de ser homem, é indissociável da virilidade física, obtida através de provas de potência sexual. Assim, o homem deposita em seu pênis a missão de funcionar em sua total capacidade – alcançando e mantendo uma ereção e atingindo o orgasmo – em todo encontro sexual, independentemente das circunstâncias, sob pena de enfraquecer sua identidade masculina em caso de falha. Nolasco (1993, p. 70) ratifica essa visão ao dizer que existe uma “[...] preocupação com uma suposta

normalidade, que fica referida ao ‘folclore’ de que um homem deve ter inúmeras relações sexuais em reduzidos intervalos de tempo, chegando ao orgasmo em todas elas”. Ao dizer que a normalidade faz parte do “folclore”, o autor implica que esse tipo de feito está mais próximo de ser uma idealização produzida pelos modelos masculinos hegemônicos do que um sucesso realista – aqui o uso de narrativas fantasiosas pelos homens, a fim de manter a imagem viril diante dos demais, cumpre um papel importante na manutenção dessa expectativa.

Além da posse e do uso, a própria anatomia do pênis, em especial o tamanho, também faz parte da equação definidora de virilidade inscrita no imaginário do modelo de masculinidade tradicional, já que, segundo Nolasco (1993, p. 70), “[...] nas relações sexuais estão embutidas noções de produtividade e eficiência a serem apresentadas ao outro. Para tanto, o tamanho dos genitais define ou não o sucesso desta empreitada [...]”. Podemos concluir, portanto, que o ideal masculino hegemônico considera um pênis grande como mais eficiente que um pênis pequeno enquanto instrumento de dominação sexual definidor de virilidade, e sendo assim, ter um pênis grande é motivo de orgulho enquanto ter um pênis pequeno é motivo de vergonha e coloca o indivíduo em desvantagem na competição viril, aumentando a pressão para que ele compense essa “falha” sexual demonstrando sua performance.

A preocupação excessiva com o pênis e o desempenho sexual influencia imensamente a visão pela qual os homens encaram sua vida sexual. Badinter (1993, p. 141) aponta que “Inúmeros são os homens que, obcecados pela virilidade, não mais consideram o sexo verdadeiramente como um órgão de prazer, mas como uma ferramenta, o instrumento da performance, uma coisa separada deles”, e que, para os homens, “[...] qualquer dificuldade com seu pênis é uma fonte de profunda humilhação e desespero, um indício da perda de masculinidade” (BADINTER, 1993, p. 142). Nesse sentido, podemos entender que a relação sexual, no ponto de vista masculino tradicional, é uma prova de fogo, onde o homem deverá exibir a sua capacidade de dominação física através da fisiologia do seu pênis, deixando de lado, muitas vezes, a entrega ao verdadeiro prazer do sexo. De Paula e Da Rocha (2019, p. 87) constatam que “[...] algumas vezes, o homem não se permite se desvincular da necessidade de satisfação individual, ou de reafirmação impositiva de sua masculinidade, para dar prazer a sua parceira [...]”. Apesar do gozo feminino fazer parte do prazer do macho dominador, como constatou Bourdieu (2010), este fica em segundo plano em relação à necessidade masculina de

dominar à sua maneira, enxergando o sexo como um ato agressivo de posse focado na penetração (RUSSELL, 1975⁸, 1984⁹, apud BOURDIEU, 2010). Podemos concluir que a preocupação excessiva com o desempenho sexual é uma força motivadora de práticas inscritas em modelos de masculinidade tradicionais.

Já vimos que os homens tendem a lidar com a aproximação afetiva com as mulheres posicionando um olhar sexual na relação. Também vimos que a supressão das emoções é uma característica que faz parte do modelo de masculinidade tradicional. De fato, manejar os afetos e a carga emocional que vem com eles é uma tarefa difícil para muitos homens. Nolasco (1993, p. 99) explica que

A ausência de uma linguagem afetiva, a incapacidade para se entregar às demandas do encontro amoroso – e nele poder consumir uma experiência de cumplicidade – são para os homens efeito do tratamento que habitualmente aprenderam a dar a seus afetos. Para eles, os afetos surgem como elementos estranhos e inquietantes [...] A identidade masculina, portanto, gravita à mercê de densas emoções que os homens não sabem nomear ou discriminar. Deste modo, agem impelidos por elas, e têm a ilusão de exorcizá-las em suas relações sexuais. A cama para os homens funciona como um mediador afetivo para o que eles não conseguem suportar sentir.

Porém, como verificamos anteriormente, muitos homens encaram o sexo, antes de tudo, como uma prova de performance, o que não os permite viver a relação sexual como uma experiência íntima de entrega afeituosa, já que “No contato sexual, a entrega do corpo não significa ainda para um homem a entrega de si. Condicionadamente, os homens entram na relação sexual com seus genitais, e são estes exclusivamente os agentes de carícia” (NOLASCO, 1993, p. 71). O resultado dessa sexualização dos afetos é o escape da árdua tarefa de nomear e administrar seus sentimentos, o que vem com o custo de fechar as portas para a entrega verdadeira de si, privando o homem de potenciais relações enriquecedoras.

Outra forma pela qual o afastamento afetivo dos homens se apresenta é a traição. Ao encontrar-se dentro do contrato afetivo de um relacionamento, o homem se sente privado de sua liberdade, atributo crucial para seu senso de identidade masculina. Nolasco (1993, p. 101-102) atesta isso ao chamar a atenção para a narrativa popular de que “[...] o homem que casa está indo para a forca, perderá a liberdade individual e será controlado pela mulher”. A traição, nesse contexto, é a forma que o homem encontra para livrar-se do sentimento de passividade que o

⁸ RUSSELL, D. **The politics of rape**. New York: Stein and Day, 1975.

⁹ RUSSELL, D. **Sexual exploitation**. Beverly Hills: Sage, 1984.

assombra ao assumir um compromisso que limita sua possibilidade de se afirmar como viril. Nas palavras de Nolasco (1993, p. 142), “Ao trair, o homem confirma para si que tem a tutela de sua capacidade de escolha, que o permite viver uma aventura amorosa mesmo superficial com quem quer que seja”.

A sexualização dos afetos não é obstáculo apenas para a relação dos homens com as mulheres, mas também para a relação de amizade entre os homens heterossexuais. Se a aproximação afetiva a uma mulher faz o homem transformá-la em possível amante, a aproximação a outros homens o faz frear o envolvimento afetivo, por medo que o resultado final seja o encontro homoerótico (NOLASCO, 1993). Isso explica por que homens optam mais frequentemente por se encontrar em grupos grandes em vez de individualmente, enquanto mulheres cultivam melhor a intimidade entre si. Além da reafirmação coletiva da virilidade, como vimos que é importante para o senso de identidade dos homens, grupos grandes diluem a tensão homossexual (BELL, 1981¹⁰, apud BADINTER, 1993). Podemos considerar, assim, atitudes que representem fuga de envolvimento afetivos como práticas de masculinidades hegemônicas.

Como já foi possível constatar ao falarmos sobre práticas como agressão e estupro e a obsessão masculina pelo desempenho sexual, as práticas da masculinidade tradicional incluem práticas corporais. Connell (1995, p.189) enfatiza isso ao afirmar que “Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar, e assim por diante”. A corporalidade das práticas masculinas também pode ser atestada lembrando do papel que os esportes exercem como introdução à virilidade para os meninos em algumas culturas. Nesse contexto, “Práticas corporais, tais como comer carne e assumir riscos na estrada, também se tornam ligadas às identidades masculinas” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 269). Comportamentos de risco podem ser interpretados como provas de virilidade, pelas quais os homens buscam demonstrar seu desprezo pelo medo. A submissão voluntária a situações arriscadas pode ser considerada, portanto, um tipo de prática da masculinidade tradicional.

No cotidiano dos homens, essas práticas podem se apresentar de diversas formas, como na escolha de empregos perigosos, busca ativa por confrontos físicos e outras atividades que servem

¹⁰ BELL, R. R. **Worlds of friendship**. London: Sage, 1981.

como demonstração de coragem. Lima (2012) nos mostra que o uso de drogas é uma prática que os homens (em especial os jovens) se engajam a fim de se adequar a modelos hegemônicos de masculinidade, que valorizam o enfrentamento de riscos. Darcy (2020) se aprofunda nas motivações que levam os homens a abusarem do álcool e de drogas ilícitas, mostrando que, além do sentimento de validação da virilidade obtido por tolerar grandes quantidades de substâncias sem perder o controle físico, as drogas também representam uma saída para que os homens possam se dissociar das suas emoções, que eles possuem tanta dificuldade em lidar.

Não podemos esquecer que modelos hegemônicos não exigem uma adoção perpétua pelos indivíduos para serem normativos. Não se espera que os homens executem as práticas citadas nesta seção do trabalho a todo momento, mas elas indicam apoio em um ideal de masculinidade quando se apresentam. É importante lembrar também que essas práticas pertencem ao modelo de masculinidade considerado mais tradicional, que não necessariamente se apresenta como um modelo hegemônico atual. Apesar de estarem presentes em muitas formas normativas de ser homem, muitas dessas práticas passaram por contestações ao longo dos anos, o que fragiliza a hegemonia e exige que os modelos sofram ajustes para se manter no topo da hierarquia das masculinidades, como afirmam Connell e Messerschmidt (2013). O apontamento dessas práticas não tem a intenção de definir a forma considerada mais honrada de ser homem nos dias atuais, mas sim de agrupar comportamentos que podem ser relacionados a um modelo que ainda apresenta resquícios nas vivências de masculinidade, e aos quais homens podem recorrer para reafirmar seu poder. A seção a seguir pretende mostrar como o modelo tradicional de masculinidade passou por contestações nas últimas décadas.

3.2 A CONTESTAÇÃO DA MASCULINIDADE TRADICIONAL

É fato que muitas das práticas trazidas na seção anterior não são mais enfatizadas com tanta intensidade como pré-requisitos para o atingimento do status de homem nos dias atuais. É possível observar na mídia e nas conversas cotidianas um esforço em “autorizar” que homens apresentem desvios do modelo de masculinidade tradicional, sem que deixem de ser considerados homens dignos por isso. Esse não é um fenômeno tão recente, visto que Nolasco (1993) já

observava esse movimento por parte da mídia brasileira no final da década de 80 e início da década de 90. Ao mesmo tempo que a sociedade passa a contestar algumas práticas que antes eram tidas como inerentes do sexo masculino, os homens são convidados a exercitar um olhar interno e se desprender de amarras que a busca pela virilidade impôs a eles. Mas como teve início essa mobilização?

Já vimos que o movimento feminista ocidental dos anos 60 colocou as diferenças sociais entre homens e mulheres no campo de construção social, introduzindo o conceito de gênero e desnaturalizando os papéis considerados ideais para cada sexo, que antes eram apoiados no determinismo biológico. Ao fazer isso e reivindicar a ocupação feminina de espaços anteriormente reservados aos homens, o feminismo colocou em xeque a noção até então naturalizada da superioridade masculina que justificava a dominação, conforme afirma Badinter (1993).

Apesar da luta feminista não ter demonstrado preocupação em promover mudanças na subjetividade dos homens, priorizando, em vez disso, a busca de paridade de direitos sociais (NOLASCO, 1993), a contestação da opressão de gênero e a consequente reivindicação de novas subjetividades femininas fizeram com que as subjetividades masculinas também passassem a ser questionadas (HOENISCH; CIRINO, 2010). Ora, se a masculinidade é construída em relação à feminilidade, como vimos anteriormente, faz sentido que ela sofra alterações como resposta a mudanças na subjetividade feminina. Badinter (1993, p.11) atesta a existência dessa espécie de estremecimento reativo ao afirmar que a masculinidade “[...] é relativa e reativa. Tanto que, quando a feminilidade muda – em geral, quando as mulheres querem redefinir sua identidade –, a masculinidade se desestabiliza”. Santos (2010) reitera que é nos momentos em que as mulheres renegam sua condição de passiva na sociedade que os homens refletem sobre si mesmos e seu papel social. Podemos dizer, assim, que o movimento feminista dos anos 60 proporcionou um ambiente favorável para que uma série de contestações em relação ao modelo de masculinidade tradicional começasse a ser feita.

Esse questionamento da identidade masculina teve início nos anos 70, consideravelmente depois da onda feminista dar as caras, com teóricos norte-americanos dando origem aos primeiros trabalhos científicos sobre a masculinidade, contestando o papel masculino ideal e denunciando a alienação causada por ele, ao mesmo tempo em que alguns homens passaram a manifestar o

desejo de se libertar das exigências que a virilidade os impõe (BADINTER, 1993). Esses indivíduos dispostos a repensar sua identidade masculina passam a se reunir nos chamados Grupos de Homens, que segundo Nolasco (1993, p. 173)

[...] aparecem por volta dos anos 70 nos Estados Unidos e Canadá, e influenciaram as discussões nas Américas do Sul e Central. Nestes países, esses Grupos cresceram tanto em quantidade quanto em complexidade de discussões. Durante os anos 80 o número de Grupos continua a crescer, e as reflexões avançam para outros países, como Chile, Argentina, Porto Rico, Austrália, França, Inglaterra e Itália. Em cada país, a forma e o encaminhamento das reflexões assumem características próprias.

O objetivo desses homens ao se reunirem, ainda de acordo com Nolasco (1993), é buscar se desvincular do estereótipo de macho viril, na medida em que percebem que ele exerce uma interferência negativa na tomada de decisões que satisfaçam suas reais vontades na vida cotidiana. Ao fazer isso, eles adequam seu projeto de vida de forma a ser compatível com suas necessidades individuais. O teor das discussões é amplo, contemplando temas como “[...] sexualidade, violência, paternidade, identidade social e ‘doenças de fuga’ (álcool, drogas, estresse e suicídio) [...]” (NOLASCO, 1993, p. 173). Os homens interessados em repensar sua identidade deixam de lado um olhar genérico de macho viril, que interferiu em suas decisões até então, para exercitar um olhar para dentro de si, escutando suas vontades íntimas e reconhecendo suas demandas emocionais.

Esses homens começam a perceber os custos que a manutenção de um ideal de virilidade acarreta em suas vidas pessoais. A necessidade de reafirmação constante os distancia das suas personalidades autênticas, os pressionando a usar suas forças para alimentar uma imagem enganadora de si, enquanto negligenciam atividades que podem os trazer mais prazer na vida cotidiana (DE PAULA e DA ROCHA, 2019). Finalmente os homens começam a perceber que a identidade viril que manteve sua dominação sobre as mulheres pode ser dolorosa para eles próprios. “A virilidade [...] é, acima de tudo, uma carga” (Bourdieu, 2010, p. 64). Badinter (1993, p. 70) também reconhece que “A masculinidade é conquistada no final de um combate (contra si próprio) que não raro implica dor física e psíquica”. Ser um homem “com H maiúsculo” não é tarefa fácil, é uma missão perpétua que corrói as vontades e afasta os indivíduos do seu verdadeiro ser, eliminando potenciais vidas de autenticidade e felicidade plenas. Mesmo sem poder ser comparada com a opressão que as mulheres sofrem dentro de uma sociedade patriarcal,

a dor masculina deve ser reconhecida e servir de incentivo para que os homens repensem suas identidades e adotem modelos mais saudáveis.

Vimos anteriormente que os meninos são incentivados a esconder suas emoções desde muito cedo. Segundo Nolasco (1993), isso os impede de explorar os afetos que os mobilizam e contribui para o afastamento da formação de uma visão particular de si e de seus desejos. Bento (1999, p. 45) define a supressão emocional e a dificuldade em falar dos sentimentos como “[...] algo extremamente opressor para os homens”. Se em um primeiro momento essa proibição sentimental vem da família e de outros espaços de socialização, mais tarde serão os próprios indivíduos que não se permitirão sentir, acreditando que o engajamento emocional faz parte do universo feminino, enquanto eles buscam atingir um ideal de masculinidade viril. Pressionados a se provarem a todo momento, pela sociedade e por si mesmos, os homens buscam assumir uma imagem de virilidade irreal, e em caso de falha nas tentativas de afirmação, vivem a dor de se sentirem incompletos (BADINTER, 1993). Ao perceberem essas desvantagens, os homens começam a colocá-las na balança e questionar se o esforço para atingir o ideal masculino vale a pena.

Nolasco (1993) é enfático em separar o movimento de Grupos de Homens do movimento feminista, defendendo que este primeiro não pode ser classificado como um movimento político, já que os homens buscam um novo projeto individual de vida enquanto as feministas colocaram seus esforços primeiramente na conquista de oportunidades sociais. A luta feminista busca revolucionar a cultura patriarcal, enquanto a luta dos homens tende a propor mudanças dentro da cultura vigente. O autor ainda chama a atenção para o fato de que o feminismo enxergava o homem como categoria genérica, sem se preocupar com possíveis dores masculinas individuais. O objetivo dessas constatações é ressaltar que os esforços para a abdicação da masculinidade viril não é resultado direto da onda feminista, mas sim um movimento separado que se beneficiou das conquistas sociais das mulheres para ganhar força.

Apesar de as duas mobilizações não necessariamente terem uma relação direta, a luta pela redefinição da identidade masculina encontra na luta feminista uma referência reflexiva (NOLASCO, 1993). As duas correntes também podem ter objetivos em comum e produzirem benefícios mútuos entre si. Por questionar o estereótipo do macho viril, os indivíduos dos Grupos de Homens apresentam solidariedade com a crítica social feminista (NOLASCO, 1993). Mais do

que isso, a interpretação radical do papel masculino ideal contribui para que alguns desses homens dispostos a buscar novos modelos tenham um engajamento ativo com políticas feministas, como nos mostra Ashe (2004). Assim, podemos considerar que o debate sobre a dor masculina pode ser uma ferramenta poderosa para a conquista de aliados na luta pela igualdade de gênero.

Os estudos sobre masculinidade iniciados nos anos 70 buscavam propor um modelo para este “novo homem”. Esse modelo, de acordo com Silva (2006, p.127),

[...] estaria baseado na capacidade e possibilidade desse homem demonstrar seus sentimentos, de poder amar e se emocionar publicamente sem constrangimento, além de sensibilidade ao invés de agressividade, junto à capacidade de executar tarefas domésticas, maior participação na educação dos filhos, exercício de profissões antes consideradas femininas, admitindo inclusive ganhar menos do que sua companheira. No campo da sexualidade, a possibilidade de falhas no intercuro sexual seria compreensível, e, ao invés de dominador, o homem já admitia ser dominado, ao invés de ativo, ser passivo. Identidades sexuais alternativas, como a homossexual, a bissexual e a transexual, fariam parte das subjetividades masculinas contemporâneas.

Estando lançado o desafio de se assumir uma identidade masculina diferente da tradicional e com o debate sobre mudança ganhando mais espaço, os indivíduos passam a se posicionar em relação às novas tendências. Não são todos os homens que se dispõem a assumir essas mudanças para si, e os que entram nessa empreitada o fazem com diferentes discursos e níveis de intensidade. Connell (1995) identifica quatro principais tipos de políticas da masculinidade que são adotadas pelos homens da metrópole. A primeira é a terapia da masculinidade, cujos seguidores (em grande parte brancos heterossexuais de classe média) voltam sua energia para seus próprios problemas, iniciando projetos individuais de redescoberta sem engajar na mudança social. A segunda política é o lobby das armas, que defende enfaticamente a masculinidade tradicional e busca sua preservação. A terceira é a liberação gay, que luta contra a opressão ao buscar quebrar os estereótipos dados aos homens homossexuais e criticar a masculinidade tradicional. A quarta e última política de masculinidade observada por Connell é a política de saída ou transformadora, seguida por homens heterossexuais que lutam pela transformação dos modelos de masculinidade hegemônica vigentes ao mesmo tempo que buscam ativamente a fuga das estruturas patriarcais.

A mudança efetiva para uma nova identidade masculina não acontece de forma tranquila e do dia para a noite, é uma jornada individual que frequentemente coloca o homem diante de

incertezas e contradições. Parte da dificuldade em abandonar o modelo tradicional vem da necessidade de “Renunciar a uma representação de si carregada de qualidades extraordinárias, de promessas grandiosas, que ao longo dos anos tem servido de modelo e referência para os homens construir seus cotidianos [...]” (NOLASCO, 1993, p. 29). O caminho que os homens percorrem em busca da virilidade é doloroso, mas o prêmio que se espera ganhar ao final é extremamente sedutor, a ponto do sofrimento parecer justificável. Bento (1999) afirma que a identidade de gênero é construída a partir de um longo processo de imposição de verdades, o que resulta em conflitos quando os agentes sociais buscam desconstruí-la. Um dos principais desafios dos homens que buscam assumir outro modelo é dissolver essas falsas verdades e perceber que a virilidade é ilusória.

Também não podemos excluir a pressão social da equação de fatores que servem de obstáculo para a renúncia da masculinidade viril. Segundo Bento (1999), o processo de construção de uma nova forma de ser homem encontrou embates com os padrões socialmente aceitos. No que diz respeito à demonstração de sentimentos, por exemplo, ainda há conflitos existenciais quando os homens são apresentados à essa possibilidade, por esse comportamento ser entendido como frágil e feminino (BENTO, 1999). A própria leitura de si pode ser nebulosa e não oferecer respostas concretas, como mostra Nolasco (1993, p. 40) ao mencionar a “[...] dificuldade dos homens de formar uma imagem sobre eles mesmos que leve em conta diferentes aspectos de suas identidades, e não particularmente aqueles esperados socialmente”. Mesmo reconhecendo sua vontade de libertação, os homens encontram dificuldade em identificar quais aspectos da sua imagem são fruto de sua subjetividade genuína e quais têm origem na construção social do papel ideal masculino.

A abolição total dos papéis de gênero ainda é uma realidade distante. Não é surpreendente que mesmo o indivíduo mais determinado a se libertar das exigências da masculinidade viril não esteja disposto a abrir mão da firmeza identitária e dos privilégios trazidos pela identidade masculina socialmente aceita. A tendência é que o resultado final seja a construção de modelos que eliminem os aspectos mais opressores do modelo tradicional ao mesmo tempo que mantêm a identidade sexual masculina suficientemente intacta. De acordo com Nolasco (1993, p. 40) os homens

[...] buscam um modelo de comportamento para suas vidas que legitime tanto a autonomia quanto o desejo de ser protegido; tanto a insegurança quanto sua capacidade

de prosseguir, ou seja, um modelo capaz de reconhecê-los tanto em suas especificidades quanto nos aspectos que os faz homens.

Essa ambiguidade entre buscar a liberdade individual sem se desvincular totalmente da necessidade de se provar homem será fonte de conflitos internos. O quanto se pode desviar do modelo tradicional sem se sentir menos homem? Badinter (1993) chama a atenção para a confusão contemporânea em torno da definição de identidade masculina, que deixa os indivíduos desnorteados em busca de ser macho o suficiente mas também não ser macho demais. Cada homem viverá a sua guerra, que definirá o quanto ele se sente confortável em deixar de lado sua imagem viril para explorar suas subjetividades.

É importante ressaltar que, com o passar do tempo, esses novos modelos de masculinidade construídos a partir da crítica ao modelo tradicional deixam de ser subalternos para se tornarem novos modelos hegemônicos. O movimento feminista ajudou a quebrar com a visão da dominação dos homens sobre as mulheres como algo natural, fazendo com que o patriarcado precisasse apresentar novas defesas (BOURDIEU, 2010). É a isso que Connell (1995, p. 193) se refere quando afirma que “As condições para a hegemonia estão mudando [...]” e que “É possível que estejamos testemunhando agora, como resultado dessa interação global, a criação de novas formas de masculinidade hegemônica”. As soluções que os modelos tradicionais davam às tensões de gênero deixaram de funcionar, suas práticas foram contestadas, e alterações precisaram ser feitas para que a posição no topo da hierarquia das masculinidades pudesse ser mantida.

As mudanças na identidade masculina, mesmo favorecendo a criação de homens menos opressores, não extinguiram a dominação. Novos modelos conquistaram seu lugar como hegemônicos e agem a favor da dominação masculina nesse novo contexto histórico. É a isso que Welzer-Lang (2001, p. 471) se refere quando diz que houve uma “[...] recomposição da dominação masculina [...]” após o feminismo contestar a supremacia dos homens. A mudança é lenta, e a expansão do debate sobre masculinidade é essencial para que ela siga acontecendo, levando a uma sociedade cada vez mais livre e justa.

4 A MASCULINIDADE EM ECHOES OF SILENCE

O objeto de pesquisa deste trabalho é a mixtape de R&B alternativo Echoes Of Silence do artista The Weeknd, lançada em 21 de dezembro de 2011. Nosso interesse é analisar as letras das nove faixas que compõem esse projeto, sem aprofundamento em outros elementos associados à obra como musicalidade, estética, videoclipes e performances das faixas em shows. O objetivo da análise é descobrir onde o eu lírico da obra se posiciona em relação ao modelo de masculinidade tradicional, relacionando as narrativas presentes nas letras às experiências, práticas e esforços de libertação masculina que foram abordados até então. Antes de introduzirmos o método de pesquisa e nos debruçarmos sobre conteúdo lírico da obra, precisamos fazer uma apresentação do artista e da mixtape a ser analisada.

4.1 THE WEEKND E ECHOES OF SILENCE

Nesta seção, faremos uma apresentação do artista e do projeto musical a ser analisado. Nosso objetivo é entender o contexto de produção da mixtape, que pode ser importante na hora de fazermos a análise, além de justificar a relevância de uma análise de representações de masculinidades neste objeto de pesquisa.

4.1.1 O ARTISTA

Abel Makonnen Tesfaye é um cantor e compositor de R&B. Nascido em 16 de fevereiro de 1990, em Toronto, Ontário, Canadá, o filho de imigrantes etíopes lançou suas primeiras músicas para o público ao final do ano de 2010, na plataforma de vídeos YouTube, sob o nome artístico The Weeknd. As canções chamaram a atenção do rapper Drake, compatriota de Abel, que as compartilhou em seu blog e alavancou sua popularidade. Com o sucesso dos primeiros lançamentos e o apoio de Drake, The Weeknd começou a trabalhar em novas faixas, e em 21 de

março de 2011 lança a mixtape *House Of Balloons*, disponibilizando-a digitalmente de forma gratuita (BAUER, 2023). A crítica avaliou o projeto de forma positiva, e destacou elementos como a sonoridade atmosférica, escura e intoxicada, e as letras que narram uma vida noturna regada a sexo e drogas, flertando com o excesso e produzindo uma tensão por vezes amedrontadora (COLLY, 2011).

Até então, Abel não havia revelado seu rosto ou sua identidade para o público, o que acabou por contribuir com o clima perturbador que suas músicas traziam (COLLY, 2011). Devido ao anonimato do artista, muitos ouvintes foram levados a pensar que The Weeknd não fosse uma única pessoa, mas sim um grupo, como indicam publicações de Ewing (2011) e Colly (2011) da época. Posteriormente, em entrevista para a GQ, Abel indica para o entrevistador Green (2021) que seu anonimato nessa época se deu por ele dar mais importância à arte que à imagem do artista, e que a ausência de um rosto associado à música proporcionava reações sem qualquer viés. O cantor fez sua primeira aparição pública como The Weeknd em julho de 2011, em uma casa noturna de Toronto (BAUER, 2023).

Seguindo o sucesso de *House Of Balloons*, The Weeknd lançou mais duas mixtapes naquele mesmo ano: *Thursday*, em 18 de agosto de 2011, e *Echoes Of Silence*, em 21 de dezembro de 2011. A exemplo de *House Of Balloons*, ambas receberam aclamação da crítica, mantendo a sonoridade e temática lírica do primeiro projeto e expandindo o universo narrativo explorado até então, como indicam as publicações de Soderberg (2011) e Ryce (2012). Em setembro de 2012, o artista assinou contrato com a Republic Records, gravadora associada à Universal Music Group, e seguiu sua trajetória de sucesso na indústria musical (BAUER, 2023).

Em 7 de março de 2023, data em que este trecho do trabalho está sendo escrito, The Weeknd acumula 7 músicas na primeira posição e 16 no top 10 do chart *Billboard Hot 100*, 4 álbuns na primeira posição e 8 no top 10 do chart *Billboard 200* (THE WEEKND, 2023) e 4 premiações no *Grammy Awards* em 13 indicações (ARTIST..., 2023), além de ser o artista com mais ouvintes mensais da plataforma de streaming Spotify, com 104.257.338 (SPOTIFY..., 2023). A popularidade do artista contribui para a relevância de nossa pesquisa, já que posicionaremos um olhar crítico a um conteúdo que atinge muitas pessoas, aprofundando a compreensão sobre ele e estimulando leitores interessados no artista a refletirem sobre o tema da masculinidade.

4.1.2 A MIXTAPE

Echoes Of Silence, como já mencionado, foi a terceira mixtape que The Weeknd lançou no ano de 2011 e ajudou a alavancar sua carreira. Segundo Ryce (2012), o projeto consolida os recursos que Abel havia demonstrado até então, como sua voz digna de coral e sua facilidade de chocar os ouvintes. Ainda de acordo com o crítico, Echoes Of Silence se destaca em relação às mixtapes anteriores por seu conteúdo lírico, apresentando uma narrativa mais clara, mostrando um eu lírico mais manipulador e desumano do que nunca e retratando um ciclo de decadência e autodestruição emocionalmente confuso que causa no ouvinte sensações de amor, ódio, medo e revolta simultaneamente. É esse personagem abusivo, impulsivo, tomado por conflitos internos e preso a um padrão de comportamento autodestrutivo que torna Echoes Of Silence um objeto de pesquisa particularmente interessante para uma análise de masculinidade, buscando identificar como as experiências, práticas e esforços de libertação masculinos trazidos nas seções anteriores deste trabalho se apresentam nas letras.

4.2 MÉTODOS DE PESQUISA

É chegado o momento de decidir qual método será utilizado para fazermos a análise dos dados documentais. Retomando a pergunta-problema que buscamos responder e o objetivo geral que pretendemos alcançar, podemos usá-los para guiar nossa escolha pelo método mais adequado. O nosso problema de pesquisa é “como a masculinidade se apresenta nas letras de Echoes Of Silence?”, e o objetivo geral é entender como questões relacionadas a padrões de masculinidade se inscrevem nas letras da mixtape. A partir dessas informações, percebemos que estávamos atrás de um método de pesquisa qualitativa que trabalhe em cima de textos. As duas opções que se apresentam como principais candidatas à nossa escolha são a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso.

Ao observarmos as diferenças entre essas duas abordagens, percebemos que a Análise de Conteúdo busca encontrar o sentido contido dentro do texto, investigando o que ele quer dizer, enquanto a Análise de Discurso busca compreender como o texto produz sentidos ao ser

atravessado pela história e pela ideologia (ORLANDI, 1999). Em outras palavras, enquanto a Análise de Conteúdo trata a linguagem como transparente, com o sentido sendo alcançável a partir da interpretação, a Análise de Discurso trabalha a linguagem como opaca, descrevendo o processo de significação influenciado pela exterioridade, pela memória do dizer. (ORLANDI, 1999).

A Análise de Discurso considera os dizeres não como apenas mensagens a serem decifradas, mas como reflexos de sentidos, feitos em condições específicas e que se manifestam de determinada forma nas falas dos indivíduos, os transformando em sujeitos discursivos (ORLANDI, 1999). Assim, o analista não olha apenas para dentro do texto para encontrar seu sentido, mas o observa dentro de um panorama mais amplo, mostrando como outros dizeres que vieram antes significam nele. Isso é o discurso, a memória do dizer se apresentando na enunciação e refletindo ideologias.

Essa manifestação do já-dito no dizer acontece de forma intencional ou não. É por isso que a Análise de Discurso descentraliza o sujeito, entendendo que ele não tem controle sobre como o real da língua e da história o afetam (ORLANDI, 1999). Isso não quer dizer que há neutralidade no uso da linguagem, já que Orlandi (1999, p. 38) afirma que “Todo dizer é ideologicamente marcado”. A Análise de Discurso nos permite ultrapassar a intencionalidade da enunciação, traçando a conexão entre o dizer e os discursos já existentes na sociedade.

A masculinidade e as relações de poder das quais ela faz parte pautam ideologias que se fazem presentes nas falas dos sujeitos e transformam essas falas em discurso. Aplicando a Análise de Discurso ao nosso problema de pesquisa, percebemos que ela conseguirá descrever como a masculinidade se apresenta nas letras da mixtape para além do que está descrito de forma explícita, dando um passo a mais em relação à Análise de Conteúdo. A Análise de Discurso será, então, o método que utilizaremos para explorar os dados documentais, atacar a pergunta-problema e alcançar o objetivo geral da pesquisa.

O *corpus* da pesquisa é transcrição das letras das nove faixas que constituem a mixtape Echoes Of Silence, por entendermos que esse conjunto de canções contempla uma lírica bem trabalhada, como indica a crítica, o que permite uma análise mais detalhada e coerente. A análise será feita a partir de uma versão das letras originais traduzida por nós para o português, por acreditarmos que isso aumentará a acessibilidade da pesquisa, evitando que seja necessário o

domínio da língua inglesa para compreender a análise. No corpo do texto será destacada a versão traduzida do trecho a ser analisado, com fonte de tamanho reduzido e recuo de 4 centímetros a partir da margem esquerda. As letras originais estão presentes na íntegra nos anexos de A a I, para fins de consulta.

Além do objetivo geral, também procuraremos atingir os objetivos específicos da pesquisa, que são:

- a) entender como se configura o modelo de masculinidade adotado pelo eu lírico da obra;
- b) verificar se o eu lírico da obra apresenta conflitos internos em relação à sua masculinidade.

A Análise de Discurso também nos permitirá alcançar esses objetivos, já que no processo de explicar como o texto produz sentidos nós também realizaremos a interpretação imediata da enunciação, possibilitando que relacionemos o que está contido nas falas com as concepções acerca da masculinidade que foram apresentadas no trabalho.

Nosso processo se inicia com a leitura das letras, exercitando um olhar atento para trechos passíveis de análise, separando-os. Após feita essa separação, daremos início à análise, que segundo Orlandi (1999), se dá em duas etapas. A primeira consiste em examinar o contexto imediato da fala, ou seja, quem diz, como diz, e todas as circunstâncias envolvidas. Nesse momento, também pensaremos em outras formas que aquilo poderia ser dito e as colocaremos em contraste com a forma original, já que diferentes modos de dizer produzem diferentes sentidos e evidenciam diferentes trabalhos ideológicos (ORLANDI, 1999). Feito isso, realizaremos a segunda etapa, na qual relacionaremos a forma de se dizer com a respectiva formação ideológica, mostrando como ela significa no texto.

É importante esclarecer aqui que, ao analisarmos os trechos das letras, as circunstâncias que levaremos em conta são aquelas apresentadas na narrativa. Assim, não consideraremos que as falas são ditas por Abel Tesfaye, compositor, falando para seus ouvintes através de uma canção, mas sim que são ditas por The Weeknd, eu lírico, falando de forma introspectiva ou para outro personagem, dentro das circunstâncias identificáveis na narrativa. Como já mencionado, é o

alter-ego complexo presente na obra que inspira uma análise envolvendo masculinidade, e só é possível explorá-lo participando do jogo do artista e adentrando o universo criado por ele.

4.3 ANÁLISE

A análise de cada faixa da mixtape será apresentada individualmente. Optaremos por essa abordagem devido a cada faixa apresentar uma narrativa distinta, com diferentes circunstâncias que devem ser consideradas para analisar o que é dito. Acreditamos que essa é a melhor forma de fazer uma análise precisa, diminuindo o risco de eventuais ruídos interferirem na nossa interpretação das falas e compreensão do discurso.

4.3.1 D.D.

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo A**.

A primeira faixa da mixtape, D.D., é um cover da canção Dirty Diana, de Michael Jackson, sendo a única composição da mixtape que não é original de The Weeknd. Isso não desqualifica a faixa para a realização da nossa análise, pois entendemos que sua escolha para fazer parte do projeto foi feita de forma consciente, dentro da proposta lírica da obra.

Você nunca me fará ficar, então tire seu peso de mim
 Eu sei todos os seus movimentos, então por favor me deixe em paz
 Eu já estive aqui outras vezes, mas não pude enxergar
 Que você seduz todo homem, dessa vez você não vai me seduzir

O contexto imediato é que o eu lírico está sendo abordado por uma mulher já conhecida, que está tentando seduzi-lo como já fez em outras oportunidades. O protagonista está decidido a não aceitar os avanços dela dessa vez. Ele demonstra seu desinteresse de forma ativa e enfática, usando a palavra “nunca” e expressões como “me deixe em paz”, chegando a dizer diretamente “você não vai me seduzir”, em vez de rejeitar a moça de forma mais sutil. Ele também menciona

o “peso” que a mulher coloca em cima dele e os “movimentos” que ela faz, indicando uma atitude ativa da parte dela como o motivo da sua negativa, no lugar de omitir suas razões. A afirmação de que a mulher “seduz todo homem” é a dica final que nos permite ver que o texto se constitui em discurso de repulsa a mulheres ativas em relação aos seus desejos sexuais. Nolasco (1993) mostra que a passividade, quietude e submissão são qualidades consideradas femininas e que os homens desejam nas mulheres, e Bourdieu (2010, p. 82) mostra que “[...] a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego”. A mulher, ao buscar ativamente a sedução dos seus parceiros preteridos, rompe com a expectativa de feminilidade do protagonista, o que o leva a se expressar dessa forma.

Diana safada, não, Diana safada, não

Diana safada, não, Diana safada, me deixe em paz

O refrão reforça o discurso de envergonhamento de mulheres ativas sexualmente ao optar pela palavra “safada” para descrever Diana, em vez de usar um adjetivo sem conotação negativa.

Ela gosta dos garotos da banda, ela sabe quando eles vêm pra cidade

Fã de todos os músicos depois que as cortinas descem

Ela espera em portas de camarim para aqueles que têm prestígio

Que prometem fama e fortuna, uma vida tão tranquila

Aqui, o protagonista indica que Diana tenta seduzir músicos apenas por interesse em fama e dinheiro. No trecho “fã de todos os músicos depois que as cortinas descem”, o uso da palavra “todos” e a expressão “depois que as cortinas descem” poderiam ser omitidos, e sua presença cumpre funções discursivas. “Todos”, nesse contexto, contrasta com o status de fã: como é possível ser fã de todos os músicos? A presença de “depois que as cortinas descem” nos leva a pensar que Diana não é fã antes das cortinas descerem, ou seja, quando o show está acontecendo, quando os músicos mostram seu talento. Assim, é possível identificar a significação neste trecho da ideia de que mulheres “fáceis” estão interessadas em dinheiro e status, sendo projetada na imagem que o eu lírico tem de Diana.

Ela disse “eu tenho que ir pra casa porque estou muito cansada

Mas eu odeio dormir sozinha, por que você não vem comigo?”

Eu disse “meu amor está em casa, ela deve estar preocupada
 Eu não liguei para dizer que estou bem

Nessa parte é revelado que o protagonista tem um relacionamento. Esse fato agora deve ser levado em consideração nas circunstâncias de enunciação de toda a canção. Relembremos este trecho no início da música:

Eu já estive aqui outras vezes, mas não pude enxergar
 Que você seduz todo homem, dessa vez você não vai me seduzir

É possível interpretar que o eu lírico já se relacionou com Diana. Com o material que temos, não é possível definir se isso aconteceu enquanto ele já estava comprometido, mas podemos considerar a omissão do seu relacionamento como significante. O compromisso atual do locutor não foi mencionado em nenhum momento como um dos motivos pelos quais ele está rejeitando Diana, o que nos leva a ter dúvidas quanto à sua fidelidade. Se ele não tivesse uma imagem negativa de Diana, ele ainda a rejeitaria? A omissão dessa informação traz à tona o discurso de que homens traem caso saibam que não serão descobertos. Esse comportamento por parte do protagonista também pode estar relacionado com sua masculinidade, já que Nolasco (1993) afirma que a traição pode ser uma reafirmação para o homem do controle de si, que ele sente que perde ao assumir um relacionamento, o que é crucial para o modelo masculino tradicional.

4.3.2 MONTREAL

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo B**.

Nesta faixa, é importante destacarmos um trecho específico antes de tudo, pois a informação que ele revela faz uma grande diferença nas condições de enunciação de toda a canção:

Então eu espero que você não pense que essa música é sobre você

Aqui o eu lírico reconhece que está em uma canção, e revela que a pessoa a quem ele se dirige na letra não está o ouvindo diretamente. Tendo isso em mente, podemos considerar que tudo que o locutor diz corresponde a um monólogo introspectivo.

Acho que você não fazia ideia de que poderia ter me persuadido
 Garota, você poderia me ter fazendo tudo que você quisesse
 Garota, você devia ter esperado e pensado no que me dizer
 Porque eu não sou tão duro quanto eu faço parecer

É possível interpretar que o protagonista esteve perto de se entregar emocionalmente para uma mulher, mas algo impediu que isso acontecesse. Observando um pouco mais a fundo, percebemos que o trecho “acho que você não fazia ideia” leva ao entendimento de que essa possibilidade pode não ter ficado clara para ela. Além disso, o uso da palavra “persuadido” indica que o personagem também não viu a possibilidade de se entregar, já que ele ainda precisaria de convencimento. O fato de que ele está escrevendo isso agora, porém, nos leva a crer que ele gostaria de ter essa possibilidade novamente.

O trecho “eu não sou tão duro quanto eu faço parecer” é o que liga os pontos, revelando que o eu lírico se apresenta com uma indisponibilidade emocional que não reflete o que ele realmente sente. Vemos aí um comportamento do personagem relacionado à masculinidade, já que Bento (1999) nos mostrou que os meninos são incentivados desde cedo a se afastar do seu lado sensível. Ao perceber que a busca de uma imagem irreal de si o causou dor, ele pode ter um princípio de questionamento do modelo masculino viril, assim como os membros dos Grupos de Homens citados por Nolasco (1993), mesmo que isso acabe não resultando em mudanças práticas.

Tendo feito essa interpretação, podemos voltar à palavra “persuadido” e perceber que ela cumpre função discursiva no texto, remetendo à ideia de que homens não se entregam emocionalmente de forma genuína. Nolasco (1993, p. 108) comprova a existência dessa crença ao afirmar que “Ao entregar-se, um homem se inscreve fora do campo do que foi definido socialmente para o masculino”.

Porque ninguém se sente como eu me sinto quando estou sozinho
 Então se eu disse que não vou te ligar

A mentira é natural para mim
 Você provavelmente poderia ter tido tudo
 Você poderia ter sido aquela estrela solitária
 Se nós apenas tivéssemos continuado

Na primeira linha desse trecho, novamente o eu lírico reconhece a existência do seu lado emotivo, que ele não mostra para outras pessoas. Chama a atenção o uso da palavra “natural” quando ele fala sobre a mentira, já que ele poderia apenas dizer que mentiu, sem tentar oferecer uma justificativa. O uso dessa palavra produz sentidos que remetem à ideia de que homens têm comportamentos tóxicos por uma natureza biológica. Ao dizer que a mentira é “natural” para ele, nesse contexto, ele demonstra que não consegue ser sincero com sua parceira sobre seus sentimentos. Mais uma vez vemos a dificuldade de entrega emocional, comportamento que pode ser relacionado à masculinidade.

A alegria existe quando você não sabe de nada
 Então eu espero que você não pense que essa música é sobre você
 E apenas eu possa saber o quão perto você chegou
 Mas baby, eu sou profissional em deixar ir
 Eu amo quando elas vêm e vão

Aqui, novamente o protagonista demonstra não ser capaz de demonstrar suas emoções, chegando a desejar que a mulher a quem ele se refere na canção não descubra seus sentimentos por ela, e que apenas ele saiba o que sentiu. Esse é um padrão de comportamento masculino, já que vimos que sinais de sensibilidade são socialmente tidos como parte do universo feminino, e que os homens aprendem a guardá-los para si para não serem rotulados como fracos (BENTO, 1999).

Ao dizer que ama quando as mulheres ficam pouco tempo em sua vida e dão lugar a outras, o eu lírico demonstra orgulho de sua quantidade de conquistas – o que é um comportamento tido como referência do modelo de masculinidade viril, como nos mostrou Nolasco (1993). Essa fala é contrária ao desejo de ter continuado com aquela mulher, que o protagonista estava admitindo até agora. A partir disso, é possível interpretar que ele está lidando

com a ansiedade da aproximação afetiva ao transformá-la em sexo, como Nolasco (1993) exemplificou como um comportamento padrão da identidade masculina.

O uso das palavras “profissional” e “amo” nas duas últimas linhas dão ênfase a uma suposta aptidão do eu lírico para conquistar várias mulheres, e produzem sentidos que vêm da ideia de que homens só querem sexo e não uma relação duradoura.

4.3.3 OUTSIDE

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo C**.

Eu vou deixar você me mostrar os movimentos dele
 Deixar você fazer o que ele te ensinou
 Deixar você lembrar como você costumava fazer
 Garota, estou aberto a tudo que te deixe naquele clima
 E entenda que estamos sozinhos
 Então você pode tirar sua roupa devagar

Essas primeiras linhas nos dão o contexto imediato: o protagonista está falando com uma mulher com quem ele está prestes a ter uma interação sexual. É possível interpretar, a partir do uso de “movimentos dele”, “o que ele te ensinou” e “como você costumava fazer”, que ela teve um amante com quem não se relaciona mais.

Garota, você sabe o que te espera
 E baby, eu ficarei acordado a noite toda
 Eu tenho dado duro desde a noite passada
 E darei mais duro esta noite

Aqui, é possível interpretar que o eu lírico está prometendo uma alta performance sexual para sua parceira, o que é evidenciado pelas afirmações de que ele ficará acordado a noite toda e “dará duro”. Na primeira linha, ao dizer que a mulher *sabe* o que lhe espera, podemos identificar um certo convencimento do personagem, como se ele já tivesse a fama de ser um bom amante e

não fosse necessário falar isso para a parceira. A opção por trazer seu desempenho sexual à tona sem mencioná-lo explicitamente indica uma significação na frase, transformando-a em discurso que remete à ideia de que homens “de verdade” são bons de cama.

É possível identificar comportamentos relacionados à identidade masculina nesse trecho. Ao prometer que ficará acordado a noite toda para o sexo, o protagonista essencialmente afirma que é capaz de obter sucesso em uma prova de potência sexual, que Bourdieu (2010) nos mostrou que é necessário para a conquista do status de homem viril. Em seguida, o eu lírico afirma que tem “dado duro” (nesse contexto, interpretamos isso como entregar performance sexual) desde a última noite, e que seguirá “dando duro” nesta noite. Podemos relacionar essas afirmações com o que vimos em Nolasco (1993, p. 70) sobre a existência de uma “[...] preocupação com uma suposta normalidade, que fica referida ao ‘folclore’ de que um homem deve ter inúmeras relações sexuais em reduzidos intervalos de tempo, chegando ao orgasmo em todas elas”. Lembremos que o contexto da fala é o protagonista se dirigindo à sua amante antes da relação, então é possível que ele tenha criado uma narrativa fantasiosa para afirmar sua virilidade perante a parceira.

Estou te dizendo que não é a mesma coisa
 E eu sei que ele ainda está no seu cérebro
 Estou prestes a acabar com isso
 Assim que eu estiver dentro de você, baby

Nesse trecho, o ex-amante da parceira do eu lírico é trazido à tona novamente. O locutor promete que seu sexo não é igual ao dele, e que conseguirá fazer a mulher se esquecer dele. Mais uma vez vemos a exaltação da performance sexual, mas aqui também é possível observar um senso de competitividade. O protagonista quer se provar mais viril que o antigo parceiro da sua amante, dando mais prazer a ela do que ele dava. A vontade de ganhar e “esmagar” os outros é uma característica do modelo de macho viril, como nos mostrou Badinter (1993) ao trazer o exemplo do esporte.

Esqueça o que você sabe
 Sinta-se em casa
 Porque baby, quando eu acabar com você
 Você não vai querer sair de casa

E eu vou te foder como um profissional, baby
 E você vai levar como uma
 É, você vai levar como uma

No refrão e no início do segundo verso, novamente podemos identificar a exaltação do eu lírico ao seu desempenho sexual, com a narrativa fantasiosa de que a sua parceira não vai querer ir embora após a relação, e a afirmação prepotente de que ele transa “como um profissional”. Também é possível observar alguns sentidos sendo produzidos discursivamente nesse trecho. Ao usar “acabar com” e “foder” para se referir à participação do protagonista no ato sexual, e usar “levar” para se referir à participação da amante, o texto remete à ideia de que o sexo é um ato onde o homem é dominador e ativo e a mulher é dominada e passiva, ideologia que, segundo vimos em Badinter (1993) está implicada espontaneamente na definição do gênero.

Toda dor que você sente, dá pra ver
 Que não estamos fazendo amor
 Mas vou fingir, garota, vou fingir
 Se você fingir, garota, eu vou fingir
 Vamos fazer parecer que somos tudo que precisamos no fim

Aqui, o locutor revela a imagem que ele tem da situação: ele não acredita que há entrega emocional de ambas as partes na relação. Quando ele diz que o que eles estão fazendo não é amor, discursivamente ele está afastando do ato sexual tudo que a palavra “amor” remete, ou seja, a cumplicidade e a entrega emocional. O que fica significado nessa frase, portanto, é a ideia do sexo como uma relação meramente física, carnal. Isolando o ponto de vista masculino, percebemos que o texto pode se configurar no discurso de que “homens fazem sexo e não amor”. Nolasco (1993, p. 71) nos mostrou que “No contato sexual, a entrega do corpo não significa ainda para um homem a entrega de si”, o que atesta a existência desse discurso e nos permite associar o comportamento apresentado pelo eu lírico à identidade masculina normativa.

Ao afirmar que vai “fingir” que há sentimento na relação e convidar a parceira a fingir também, o protagonista nos dá indícios de que ele gostaria que houvesse uma conexão emocional. Esse desejo rompe com os padrões da masculinidade tradicional, que exige dos seus

adeptos “[...] não amar as mulheres como as mulheres amam os homens [...]” (SILVA, 2006, p. 126), como vimos anteriormente. Aqui, o eu lírico demonstra um esforço para criar uma entrega emocional, mesmo que neste caso em específico ela seja artificial, e isso significa uma tentativa de se livrar de um aspecto do estereótipo de macho viril, a exemplo dos membros dos Grupos de Homens que Nolasco (1993) nos apresentou.

4.3.4 XO/THE HOST

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo D**.

Para analisarmos esta faixa, é importante antes nos aprofundarmos em alguns fatores que influenciam nas condições de produção do discurso. O primeiro é o mecanismo da antecipação. Segundo Orlandi (1999), esse conceito prevê que todo sujeito é capaz de antecipar a recepção das suas palavras pelo seu interlocutor, imaginando quais sentidos suas palavras vão produzir para aquela pessoa em específico. Esse mecanismo está presente em argumentações e tentativas de persuasão, já que ele permite que o sujeito calcule suas palavras de forma a causarem o efeito que ele deseja no ouvinte.

O outro fator que devemos apresentar para uma melhor análise desta faixa é a relação de forças. De acordo com Orlandi (1999), essa noção implica que a posição social que o sujeito ocupa se faz valer em sua fala. Em outras palavras, um maior poder nas relações sociais hierarquizadas é carregado nas falas dos sujeitos que ocupam essas posições de poder. Usando o exemplo do gênero, as falas dos homens produzem significados mais autoritários que as falas das mulheres, devido à relação de dominação das mulheres pelos homens que perdura na sociedade.

Para a análise desta canção, quebraremos com a sequência cronológica das falas, a fim de obtermos todo o contexto de enunciação antes de iniciarmos as interpretações e compreensões dos discursos.

Ordem de despejo na sua porta
 Culpe a maconha, culpe a bebida
 Culpe a vida noturna, as luzes passando

[...]

Você precisa de mais grana

Agora você está sem aluguel, você gasta esse dinheiro, dinheiro

Você tenta só olhar a vitrine, você gasta mais cem

Ela está fodendo bandidos de dia

Noites hipster no centro, e seu pai não sabe que você saiu

[...]

No outro cômodo, você escuta sua mãe chorando

Porque ela achou sua bolsa cheia na área de serviço

E o Bacardi da última festa

A partir desses trechos, é possível interpretar que essa mulher (que o protagonista alterna entre falar diretamente e na terceira pessoa) está em uma situação financeira difícil devido à vida boêmia e suas tendências consumistas, a ponto de ser despejada de sua casa e precisar morar com os pais, que não aprovam seu estilo de vida. O desgosto dos pais fica evidente pelo fato de a mãe ter chorado ao encontrar uma garrafa de álcool e sua “bolsa cheia” (possivelmente de drogas), e pelo fato de que o pai não sabia de suas saídas, dando a entender que ela precisou manter isso em segredo.

Se eles não te deixarem entrar, você sabe onde me encontrar

Porque se você quiser fazer de novo, você pode sempre me ligar

Porque tudo que sempre fazemos é amor, abra sua mente, você pode encontrar o amor

Garota, você não está sozinha, todos nós estivemos sozinhos

Baby, apenas seja sincera

Oh, não se esqueça

Não se preocupe com nada

Seremos tudo que você precisa, apenas acredite

A ponte e o refrão mostram o protagonista oferecendo sua casa para a mulher ficar, caso os pais não a deixem voltar para a casa deles. Porém, ao analisarmos os sentidos produzidos em suas falas, é possível entender que esse aparente ato de gentileza é feito com segundas intenções. Na fala “se você quiser fazer de novo, você pode sempre me ligar”, a palavra “fazer” produz um sentido sexual. Com essa fala sendo trazida logo após a oferta de um lugar para a mulher ficar, o

sentido produzido é que ela deverá fazer sexo com o protagonista para que ela possa usar a casa. Na sequência, o uso da palavra “amor” e das expressões “você não está sozinha” e “não se preocupe” produzem sentidos de empatia e compaixão, o que pode ter sido um ato proposital por parte do locutor, para aliviar o impacto da sua chantagem sexual.

É aqui que os conceitos que apresentamos anteriormente são relevantes. O eu lírico usufrui do mecanismo de antecipação para manipular a interlocutora, imaginando os sentidos que serão identificados por ela, o que o permite calcular suas palavras para convencê-la a fazer o que ele quer sem que ela tenha uma imagem negativa dele. O fator da relação de forças também está em jogo, já que ele tem algo que ela precisa (um lugar para ficar), e isso configura um determinado nível de poder sobre ela, o que tem peso no discurso.

Essa atitude do eu lírico, de ver nessa mulher apenas a oportunidade de conseguir sexo, sem qualquer preocupação com o bem estar dela, se configura como uma prática que pode ser relacionada ao modelo de masculinidade normativo, já que Nolasco (1993) nos mostrou que “durante a socialização de um menino, em nenhum momento lhe é estimulado estabelecer com a menina uma relação que fique fora das fronteiras do objeto”.

A parte final da canção é um prelúdio da próxima faixa, então deixaremos para analisá-las juntas na próxima seção, a fim de preservar a coerência narrativa.

4.3.5 INITIATION

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo E**.

Nesta faixa, assim como na última, quebraremos com a ordem cronológica da letra, a fim de termos todas as informações necessárias para determinar as condições de enunciação antes de interpretarmos as falas e compreendermos os discursos contidos nelas.

Oh yeah, te fiz beber daqueles copos brancos
 Tudo isso é tão exótico para você, fumaça densa, engasgando
 Baby, se familiarize com a ordem
 Só abra, aí sirva, aí beba devagar, aí vire tudo

[...]

Elá está escalando, direto para o topo

Esquecendo por que ela está ali

Sem mais chorar, frequência cardíaca lenta

Largue esse rum, você não quer morrer esta noite

O contexto que podemos tirar daqui é que o eu lírico está em uma festa com uma mulher que está fazendo uso de drogas e álcool. O que nos leva a esse entendimento são as menções à bebida alcoólica rum, ao ato de beber e à “fumaça densa”, que podemos interpretar como vinda de algum tipo de fumo. As menções à “frequência cardíaca lenta” e o conselho para que ela largue o rum pois ela “não quer morrer” nos levam a entender que o consumo que ela está fazendo dessas substâncias é excessivo. Do ponto de vista discursivo, algumas formas de dizer chamam a atenção: “te fiz beber”, “se familiarize”, “sirva”, “beba” e “vire” remetem a ordens e incentivos por parte do protagonista para que a mulher use essas substâncias. O discurso que está sendo produzido a partir disso é o de que esse consumo de álcool e drogas será positivo para a mulher, e que o estado alterado é onde ela quer chegar.

Eu preciso, eu preciso que você faça algo para mim

Oh, há tanto amor para distribuir

Tem amor demais

[...]

Eu tenho um teste para você

Você disse que quer meu coração

Bom, baby, você pode ter tudo

Só tem algo que eu preciso que você faça

É conhecer meus garotos

Eu tenho muitos garotos

E podemos te fazer direito

E se você ficar muito chapada

Baby, venha aqui e

Sente para passar

Neste prelúdio que aparece ao final da faixa anterior, contendo o refrão da faixa atual, podemos observar um fator que influencia nas condições de produção. A partir da interpretação da fala “você disse que quer meu coração”, entendemos que a mulher está apaixonada pelo protagonista. Sabendo disso, podemos considerar a relação de forças como parte do discurso, já que as palavras de uma pessoa têm mais poder para quem a ama.

Assim como na narrativa da faixa anterior, aqui percebemos alguns toques na forma de dizer do eu lírico que nos levam a entender que ele está tentando manipular a mulher. Com o uso de algumas expressões com conotação sexual, como “há tanto amor para distribuir”, “fazer direito” e “sente para passar”, os sentidos produzidos são de que o locutor espera algum tipo de interação sexual com a mulher. Mais do que isso, a palavra “distribuir”, a menção aos “garotos” e o uso do plural em “podemos te fazer direito” produz sentidos que apontam para a expectativa de que a mulher também se relacione com os amigos do protagonista. Lembrando do incentivo do eu lírico para que ela se drogasse, que observamos anteriormente, acrescentamos o estado alterado dela aos fatores que contribuem para que ele faça essa investida, e interpretamos toda a situação como um plano elaborado para o atingimento desse objetivo sexual.

Novamente vemos o mecanismo da antecipação em ação. Ao prever a forma com que suas falas chegarão aos ouvidos da mulher, o protagonista escolhe suas palavras cautelosamente, para comunicar suas intenções da forma menos direta possível e não ser visto com uma imagem negativa. Observamos esse esforço quando ele diz que quer que ela faça “algo” para ele, quando ele usa “amor” no lugar de outro termo explicitamente sexual e quando ele diz que ela deve “conhecer” seus amigos, omitindo o que ele realmente quer que ela faça com eles. Juntando isso com a relação de forças que observamos anteriormente, encontramos a significação manipuladora do discurso do eu lírico.

Estando feitas nossas considerações sobre os discursos da canção, podemos relacioná-los com a masculinidade. Assim como na faixa anterior, vemos o protagonista enxergando uma mulher apenas como uma fonte de prazer sexual, um objeto, uma visão que Nolasco (1993) nos mostrou que é incentivada durante a socialização dos meninos. Além disso, ao usar o amor de uma mulher para manipulá-la, o eu lírico pratica um dos motes da masculinidade tradicional, o de “[...] não amar as mulheres como as mulheres amam os homens [...]” (SILVA, 2006, p. 126).

O sexo grupal que o protagonista tenta alcançar pode ser classificado como uma prova de virilidade. Vimos que Santos (2010) cita a ida aos bordéis como um exemplo de situação onde um homem prova seu valor masculino. As duas situações são muito semelhantes, visto que envolvem a exibição de engajamento em uma atividade sexual sob o conhecimento de outros homens. Vimos com Nolasco (1993) que o espírito de aventura na vida sexual é uma referência da identidade masculina, e com Bourdieu (2010, p. 65) que “[...] a virilidade tem que ser validada pelos outros homens [...]”. Ao realizarem a fantasia de convencer uma mulher a fazer sexo com todos eles, esses homens estarão recebendo a validação de sua virilidade pelo grupo.

A festa não vai terminar, é uma celebração, oh yeah
 Para meus manos esta noite
 E eles estão chapados de linhas de Shakespeare
 Tem o suficiente para distribuir, você não precisa esperar na fila
 [...]
 E tudo que eu quero é ir embora, porque estou chapado a uma semana
 E não saí dessa salinha, me concentrando em respirar
 Porque essa erva é tão potente, matando serotonina
 [...]
 Enrole essa maconha, traga o fogo
 Sinta o gosto do lean quando você me beija

Essas são algumas das referências ao consumo de drogas que estão presentes na canção. A afirmação do protagonista de que ele está “chapado a uma semana” e “se concentrando em respirar” indicam que o uso é abusivo e perigoso. Lima (2012) nos mostrou que o uso de drogas pode ser motivado pela busca em se adequar a um modelo de masculinidade hegemônico que associa comportamento de risco com virilidade, e Darcy (2020) mostrou que as drogas podem ser uma distração para as emoções que os homens não sabem lidar.

Os amigos do eu lírico também parecem se engajar no consumo de drogas, já que ele afirma que eles estão chapados de “linhas de Shakespeare”, gíria norte-americana para cocaína (SHAKESPEARE, 2012). Esse grupo de homens que usam drogas e buscam aventuras sexuais juntos é um exemplo das gangues que Badinter (1993) nos mostrou que se reúnem para cultivar a masculinidade e romper com a cultura familiar.

4.3.6 SAME OLD SONG

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo F**.

Onde você estava quando precisei de você oito meses atrás?
 Todas as suas amigas estão falando de mim, agora você me liga
 Aposto que sente minha falta agora, baby, aposto que me beijaria agora, baby
 Especialmente porque você sabe que isso não é nada, e eu apenas comecei
 Você nunca achou que eu chegaria tão longe
 Você disse que potencial nunca duraria tanto
 Bom, baby, eu estive sozinho a vida inteira
 O que te faz pensar que você pode me fazer bem?

O contexto imediato que conseguimos captar através da interpretação desse trecho é que uma mulher está entrando em contato com o locutor depois de muito tempo. A opção por dizer “precisei de você” em vez de “quis você” ou simplesmente perguntar “onde você esteve?” produz um sentido de importância e dependência. A partir disso, podemos entender que essa mulher era importante para o protagonista, mas o deixou na mão.

Ao dizer que ele “apenas começou” e ela “nunca achou que ele chegaria tão longe”, somos levados a entender que ele teve algum tipo de conquista desde a última vez que os dois se viram. É possível que Abel esteja falando de si mesmo nessa faixa, visto que ele já estava fazendo considerável sucesso como artista na época que *Echoes Of Silence* foi lançada.

Tomando esse sucesso repentino do locutor como parte do contexto, os usos da palavra “agora” no texto parecem enfatizar o contraste entre o passado e o presente, como se a atual situação fosse o motivo pelo qual a mulher está ligando, e também a razão pela qual ele aposta que ela quer vê-lo e o beijaria. Dessa forma, o texto está produzindo sentidos que remetem à noção de que essa mulher está apenas interessada no status do protagonista.

E agora eu estou estourando, yeah
 Ninguém me ensinou
 Eu cresci estourando, yeah
 Me diga o que acha de mim agora

Aqui, o locutor faz questão de exaltar seu sucesso, demonstrando um traço de masculinidade normativa. Segundo Badinter (1993), as conquistas profissionais e a riqueza passaram a ser mais valorizadas como sinais de masculinidade a partir do surgimento da sociedade industrial.

Eu juro que te amava, garota
E você provavelmente foi foder com o mundo

Na primeira linha, o protagonista admite o sentimento que tinha pela mulher. Isso contraria o modelo de masculinidade tradicional, já que demonstrações de sensibilidade são parte do que é esperado socialmente do sexo feminino, e homens são estimulados desde pequenos a escondê-las para não serem rotulados como fracos (BENTO, 1999). Na segunda linha, a expressão “foder com o mundo” produz sentidos de vulgaridade, uma vez que “foder” remete aos aspectos mais fisiológicos e violentos do sexo e “mundo” exagera a noção de uma grande quantidade de pessoas. O discurso produzido acaba por ecoar a ideia de que ter muitos parceiros sexuais deve ser motivo de vergonha para as mulheres.

4.3.7 THE FALL

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo G**.

Eu tenho dinheiro de show, baby
Eu quero te mostrar como eu gasto dinheiro, baby
Eu quero te mostrar como eu jogo dinheiro, baby
Eu sou novo, então é difícil eu guardar dinheiro, baby
Porque eu sou uma estrela, não se engane

A presença da expressão “dinheiro de show” e da palavra “estrela” nos leva a pensar que o eu lírico desta faixa é o próprio Abel, visto que ele já havia atraído bastante atenção do público quando Echoes Of Silence foi lançada e estava fazendo shows.

A menção repetitiva ao dinheiro e ao seu status de estrela nos levam a entender que o locutor tem orgulho da sua riqueza e de seu sucesso. Novamente vemos a exaltação às vitórias profissionais e ao poder aquisitivo, que segundo Badinter (1993) é um traço de masculinidade normativa. A presença da afirmação “eu quero te mostrar” reforça a noção de orgulho, já que indica um esforço do protagonista em exibir seu status. Podemos classificar essa atitude como uma prova de virilidade, já que vimos com Bourdieu (2010, p. 65) que “[...] a virilidade tem que ser validada pelos outros homens [...]”, o que justificaria o exibicionismo do locutor.

Do ponto de vista discursivo, a presença dos verbos “querer” e “mostrar” indicam que não há neutralidade em relação ao poder financeiro, e acabam produzindo um discurso de meritocracia, reproduzindo a ideia de que sucesso e dinheiro são indicativos do valor de uma pessoa e, portanto, motivo de orgulho.

Eu não tenho medo da queda (4x)

Devido às menções anteriores ao sucesso e ao dinheiro, interpretamos a “queda” presente no refrão como um eventual fracasso profissional e financeiro. Ao dizer que não tem medo, o locutor demonstra coragem, que Silva (2006) colocou entre os atributos exigidos pelo modelo tradicional de masculinidade.

Mamãe, eu entendo porque você está brava
E dói aceitar o que eu sou
E como eu vivo
E o que eu faço

Aqui, o protagonista se dirige à sua mãe, e é possível interpretar que ela não aprova o seu estilo de vida. Já conseguimos ver em outros momentos da mixtape que o eu lírico participa de provas de virilidade, que segundo Bourdieu (2010) e Badinter (1993), encorajam a ruptura com o mundo materno, ou seja, incentivam os homens a terem atitudes que não são aceitáveis dentro da cultura familiar, os afastando desse mundo e os introduzindo ao universo masculino. Podemos relacionar o desgosto da mãe ao estilo de vida viril do locutor a isso.

Eu nasci para ser imprudente

A expressão “nasci para” produz sentidos que remetem à ideia de que existe uma natureza biológica que determina o comportamento das pessoas. Essa ideia ganha mais uma camada quando a observamos sob o ponto de vista da masculinidade, pois os papéis sociais dos sexos são frequentemente considerados naturais pela sociedade, e a imprudência pode ser fonte da combinação de alguns aspectos do modelo tradicional de masculinidade, já que Silva (2006) inclui os atos de ser destemido, autoconfiante e agressivo nesse modelo.

4.3.8 NEXT

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo H**.

Esta é a única canção de Echoes Of Silence que encontramos comentários de The Weeknd quanto ao significado. Em entrevista ao site Complex, o cantor disse que Next é uma música que relata uma experiência que outros artistas podem se identificar (SCOTT D., 2013). Usaremos isso para nos ajudar a interpretar o contexto imediato, mas não levaremos a informação em consideração na hora de analisar os discursos produzidos, já que Orlandi (1999) diz que o sujeito não tem controle sobre como o real da língua e da história o afetam, o que significa que a intenção do enunciador não interfere nos discursos produzidos.

Ela nunca se apaixona
 Mas ela me ouviu na balada, não conseguiu fugir
 Ela quer me dar todo o dinheiro dela
 [...]
 Mas baby, eu não quero ser seu
 Meu amor está esperando em casa, ela tem sido boa demais para abandonar
 E eu não quero ganhar seu coração
 E você não pode pagar para ganhar meu amor

O contexto imediato que conseguimos tirar deste trecho é que uma mulher está fazendo uma investida amorosa no protagonista, inclusive usando seu dinheiro para isso. Na linha em que é dito que ela o “ouviu” na balada, a escolha deste verbo em específico nos leva a entender que o

que fez a mulher se interessar por ele foi sua voz. Sabendo que Abel escreveu esta canção sobre uma experiência de artista, podemos interpretar que a mulher teve interesse nele após ouvir uma de suas músicas na balada. Nesse trecho também entendemos que o sentimento do locutor não é recíproco.

Baby, quem você quer enganar
 Eu posso ter 21 anos, mas tenho memórias para provar
 Que já vi seu tipo antes
 E eu sei exatamente o que você quer
 Você só me quer porque eu sou o próximo (x10)

Para interpretarmos o que significa o termo “próximo” no refrão, novamente usaremos a dica que Abel deu na entrevista. Colocando o trecho no contexto de um artista em início de carreira, podemos entender “próximo” como “a próxima estrela”, um artista com grande potencial. Seguindo esse pensamento, “você só me quer porque eu sou o próximo” pode ser interpretado como o protagonista dizendo que a mulher só tem interesse em seu status. Assim, o uso da palavra “tipo” em “já vi seu tipo antes”, chama a nossa atenção. A emissão dessa palavra em específico remete à despersonalização, produzindo um discurso que coloca a pretendente em um estereótipo de mulher interesseira.

Baby, quem você está chamando de mole?
 Não me faça fumar toda sua erva
 Não me faça tomar suas pílulas vagabundas

A julgar pela fala na primeira linha, a mulher chama o locutor de “mole”. Isso é uma afronta à masculinidade do protagonista, que imediatamente responde em busca de reafirmar seu status viril. Vimos com Badinter (1993) que o homem é como um artefato que pode apresentar defeito, o que torna necessária a reafirmação constante da masculinidade. Ao ter sua virilidade questionada, o protagonista menciona sua capacidade de ingerir uma grande quantidade de drogas. Lima (2012) e Darcy (2020) nos mostraram que o consumo de drogas pode ser visto por homens jovens como uma forma de se adequar a um modelo de masculinidade viril, e isso explica porque o locutor tenta se reafirmar dessa forma. A menção ao uso de drogas, nesta

situação em que se tenta defender a honra viril, produz um discurso que remete à ideia de que a intoxicação é uma atividade de homens viris.

4.3.9 ECHOES OF SILENCE

A letra original desta canção encontra-se no **Anexo I**.

Fale comigo, baby
 Me diga o que você está sentindo
 Você diz que não precisa ir
 Não finja que você não sabia
 Como tudo isso iria acabar
 Garota, eu vi nos seus olhos
 E baby, eu posso ler sua mente
 E as expectativas não estavam à vista
 Você sabia que falar sacanagem comigo no telefone me traria aqui
 Porque nós dois queríamos isso, mas eu podia ver que você estava assustada
 Porque você achou que tivéssemos algo a mais, mas você sabia como ia acabar
 Vai acabar como você esperava, garota, você é tão masoquista

A linha “você sabia que falar sacanagem comigo no telefone me traria aqui” nos ajuda a entender o contexto. Podemos ver que a ação da mulher de “falar sacanagem” com o protagonista o fez ir a algum lugar. Interpretamos que os dois se encontraram para uma interação sexual. Mais adiante temos a frase “você achou que tivéssemos algo a mais”, o que nos leva a entender que a mulher esperava ter uma conexão emocional com o locutor, e não apenas uma conexão física. O uso da palavra “achou” desperta a ideia de engano, e é esse o sentido produzido: a fala se configura em um discurso que nega a existência da conexão que a mulher esperava.

Em todo o trecho destacado é possível identificar palavras que indicam a produção do sentido de culpabilização. “Não finja”, “nós dois queríamos”, “você sabia” e “masoquista” remetem à ideia de que a mulher tinha conhecimento de que seu sentimento não era recíproco, e produzem o discurso de que ela é responsável pela dor que está sentindo. O locutor dá indícios de

que sabia sobre os sentimentos da mulher, em falas como “eu vi nos seus olhos” e “eu posso ler sua mente”. Ao entrar na relação sexual sem se entregar emocionalmente e tendo conhecimento do amor que a parceira tem por ele, o protagonista está colocando em prática um dos aspectos da masculinidade tradicional segundo Silva (2006, p.126), que é “[...] não amar as mulheres como as mulheres amam os homens [...]”, e demonstra o que nos foi mostrado por Nolasco (1993, p. 71), que “No contato sexual, a entrega do corpo não significa ainda para um homem a entrega de si”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi expandir o debate em relação à masculinidade, trazendo observações e ideias presentes nos estudos disponíveis sobre esse tema e usando o conhecimento adquirido para analisar um produto midiático relevante, posicionando um olhar crítico sobre ele. Primeiramente, foi mostrado como a sociedade justifica as diferenças sociais entre os sexos masculino e feminino a partir de uma suposta natureza biológica, definindo machos e fêmeas como homens e mulheres, respectivamente, e os colocando em uma posição de hierarquia na qual os homens estão no topo, dominando as mulheres. Também vimos como o surgimento do conceito de gênero colocou em xeque a ideia de que as diferenças sociais entre homens e mulheres são naturais.

Na sequência, trouxemos à tona o conceito de masculinidade hegemônica, que mostra a existência de determinadas formas consideradas mais honradas de ser homem e que são mais incentivadas e normalizadas em diferentes configurações sociais. Esses padrões de masculinidade contribuem para a manutenção da dominação dos homens sobre as mulheres na medida em que são colocados em prática, e estão em constante reconfiguração histórica para se adaptarem aos novos desafios à dominação que vão surgindo.

Até então, evitamos apontar características específicas de modelos de masculinidade normativos para consolidar a noção de que esses modelos apresentam variações de acordo com a configuração social, além de passarem por mudanças na medida em que são contestados ao longo da história. Um grupo de jovens boêmios incentiva um modelo de masculinidade diferente de um grupo de fiéis de igreja, por exemplo, e ambos os modelos apresentam diferenças em relação ao padrão incentivado dentro da cultura de um país, que por sua vez é diferente do modelo normativo apresentado pela mídia internacional. Nas seções posteriores, começamos a olhar para algumas características específicas da masculinidade socialmente incentivada.

Em seguida, trouxemos observações e ideias dos autores em relação à experiência masculina, mostrando como o comportamento dos homens é observado e regulado desde cedo para atender aos padrões esperados socialmente, inicialmente pela família e posteriormente pelos novos círculos sociais que as crianças são inseridas, reforçando a validade das exigências e

aumentando os esforços do meninos em se adequar, mesmo que isso resulte em dor. Na sequência, apresentamos práticas da masculinidade tradicional, trazendo à tona os aspectos observados com mais frequência pelos autores nos modelos normativos. Nessa seção, continuamos a discutir como esses aspectos inseridos em modelos hegemônicos podem causar dor aos homens que buscam incessantemente a adequação, e na parte seguinte mostramos como muitos homens têm buscado ativamente a redefinição de sua masculinidade, exercitando um olhar interno, escutando suas reais vontades e rejeitando os aspectos do modelo masculino tradicional que não atendem à sua individualidade.

Completado o embasamento teórico, definimos nosso *corpus* de pesquisa e escolhemos a Análise de Discurso como o método mais adequado para responder nossa pergunta-problema e atingir os objetivos da pesquisa. Relembrando nossa pergunta-problema, vemos que a questão que buscamos responder era “como a masculinidade se apresenta nas letras de Echoes Of Silence?”.

Nossa análise forneceu a resposta a esse questionamento, mostrando que a masculinidade está presente nas letras na forma de sentidos discursivos que remetem ao papel social ideal de homens, como as ideias de que homens não amam, são tóxicos por natureza e têm interesses apenas sexuais nas mulheres, a ideia de que um verdadeiro homem é bom de cama, tem riqueza e sucesso profissional, a ideia de que o homem deve ser ativo no sexo e entregar sempre uma alta performance sexual. Também são produzidos discursos que demonstram visões tradicionalmente masculinas, como a liberdade dos homens para trair, a percepção do sexo como uma atividade não emocional e a percepção do uso de drogas como sinal de um homem honrado. Por fim, também foi identificada a produção de discursos que remetem a ideias que oprimem as mulheres, como a repulsa a mulheres ativas nas abordagens sexuais e sua rotulação como “interesseiras”, a repulsa a mulheres com múltiplos parceiros e a visão de que as mulheres devem ser passivas no ato sexual.

Além da produção de sentidos discursivos, a masculinidade também se apresentou de forma mais explícita através de elementos da narrativa da obra que pudemos identificar na análise, como a supressão das emoções, a exaltação à performance sexual e à grande quantidade de conquistas, a preocupação com uma potência sexual exagerada, a sexualização dos afetos, a não-entrega de si no ato sexual, a competitividade viril, a objetificação feminina, a participação

em grupos masculinos que engajam em provas coletivas de virilidade, uso de drogas como exibição de virilidade, exaltação da riqueza e do sucesso profissional, a busca de validação da identidade masculina, exibição de coragem e o rompimento com o mundo materno. Foi possível observar que esses elementos se apresentaram de forma acrítica, de forma a reforçar a imagem viril do eu lírico. Assim, consideramos que atingimos o objetivo geral da pesquisa, que era entender como as noções sobre os padrões de masculinidade se inscrevem nas letras da mixtape.

Como objetivos específicos, nós tínhamos:

- a) entender como se configura o modelo de masculinidade adotado pelo eu lírico da obra;
- b) verificar se o eu lírico da obra apresenta conflitos internos em relação à sua masculinidade.

Ao fim de nossa análise, consideramos que o eu lírico de *Echoes Of Silence* mostra uma masculinidade muito próxima ao modelo tradicional, porém com ênfase especial em alguns pilares identitários. O sexo e o consumo de drogas se apresentam como a base do estilo de vida dos personagens masculinos da obra, sendo colocados como objetivo principal, precisando ser conquistados a todo momento e a todo custo. O sucesso financeiro e profissional também é valorizado, mas não parece ser uma necessidade tão grande já que, no universo narrativo da mixtape, o homem se sente validado enquanto consegue se manter transando e se drogando. A quantidade de conquistas sexuais é exaltada, a entrega de performance é uma obrigação e o desenvolvimento de sentimentos pelas mulheres é inaceitável, devendo ser suprimido quando aparece, em prol da manutenção deste estilo de vida e, conseqüentemente, da virilidade (vimos isso na faixa *Montreal*). Assim, consideramos atingido o primeiro objetivo específico.

Na análise foi possível identificar conflitos entre as exigências da manutenção do padrão de masculinidade e as reais vontades do eu lírico, mas eles não pareceram gerar questionamentos fortes o suficiente para fazê-lo mudar. Na faixa *Montreal*, o eu lírico admite a sua vontade de se entregar emocionalmente a uma mulher, mas acaba por não conseguir vencer a tendência a esconder suas emoções e a sua valorização do número de conquistas sexuais para dar lugar a uma conexão sentimental. Em outro momento, na faixa *Outside*, ele novamente demonstra sua vontade de ter uma conexão com alguém, mas desta vez ele sabe que está enganando a si mesmo. Atingimos, assim, o segundo objetivo específico.

O processo de pesquisa trouxe muitas gratificações. Primeiramente, me permitiu o aprofundamento teórico em um assunto que me interessa muito, e cujo debate considero que leva a avanços sociais. Também me permitiu ter uma nova visão sobre um produto artístico que tenho apreço, expandindo meu conhecimento sobre a obra e incentivando outras pessoas a apreciarem. Por fim, o estudo da Análise de Discurso me proporcionou uma visão mais técnica sobre a produção de sentidos no que é dito, que certamente será útil na compreensão dos discursos à minha volta.

A pesquisa também apresentou diversos desafios ao longo da sua realização. Primeiramente, a análise colocou em conflito meu gosto previamente adquirido pela mixtape *Echoes Of Silence* na medida em que eu desvendava a presença de discursos com os quais não concordo, e que eu nunca havia identificado anteriormente ao escutar o projeto de forma casual. Ao final da pesquisa, porém, lembrei que o que me fez apreciar a obra é justamente a exposição desse lado grotesco, mas real, dessa masculinidade praticada por alguns jovens, de forma que choca o ouvinte e faz refletir. Não vejo a mixtape como uma exaltação do pior que existe na identidade masculina, mas sim como um retrato que convida o ouvinte a sentir uma variedade de emoções que incluem medo, nojo e revolta.

A análise das letras também foi desafiadora por exigir uma interpretação do conteúdo lírico que, por vezes, é extremamente nebulosa ou subjetiva. Em determinados momentos precisei justificar da forma mais objetiva possível interpretações pessoais que podem não se alinhar com interpretações dos leitores. Isso é um desafio, pois o ideal para a pesquisa científica é evitar ao máximo qualquer tipo de viés pré-determinado, mesmo sabendo que não é possível ser totalmente objetivo quando se trata de uma análise de discurso.

Outro desafio que enfrentei durante a pesquisa foi a tradução das letras originais da mixtape. Considerando que a Análise de Discurso se apegua na memória do dizer para encontrar significados no que é dito, podemos dizer que é impossível não ter perdas discursivas ao traduzirmos um texto, já que a historicidade das palavras mudam de uma língua para a outra. Mesmo assim, não me arrependo de ter optado por analisar as minhas traduções para português das letras, pois confio em minha habilidade para encontrar as palavras que melhor preservam os sentidos originais, e acredito que essa decisão tornará a pesquisa mais acessível por não exigir o conhecimento de inglês para o acompanhamento da análise.

Para eventuais pesquisas futuras, deixo como sugestão a análise de outras obras culturalmente relevantes sob a perspectiva da masculinidade, trazendo outros autores e conceitos que eu não trouxe neste trabalho. Além disso, também é interessante a realização de uma pesquisa similar que use o método de análise de conteúdo, para que se apresente como alternativa à análise de discurso nesse tipo de pesquisa, trazendo um tipo diferente de resultado. Por fim, também sugiro que uma pesquisa semelhante, tendo como *corpus* um conteúdo em outra língua, use o texto original para a análise de discurso, a fim de preservar ao máximo os sentidos produzidos.

REFERÊNCIAS

- ARTIST THE WEEKND: wins [and] nominations. *In: Recording Academy Grammy Awards*, 2023. Disponível em: <https://www.grammy.com/artists/The-Weeknd/24884>. Acesso em: 7 mar. 2023.
- ASHE, F. Deconstructing the Experiential Bar: Male Experience and Feminist Resistance. *Men and Masculinities*, v. 7, n. 2, p. 187–204, 1 out. 2004.
- BADINTER, E. **XY: Sobre a Identidade Masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAUER, P. The Weeknd: canadian singer. *In: Britannica*. Springfield: Merriam-Webster Inc., 12 feb. 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/the-Weeknd>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- BENTO, B. A. de M. A (re)construção da identidade masculina. *Revista de Ciências Humanas*, n. 26, p. 33–50, out. 1999.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- COLLY, J. House of Balloons: The Weeknd album review. *In: Pitchfork*. New York: Condé Nast., 29 mar. 2011. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/15264-house-of-balloons/>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan./abr. 2013.
- DARCY, C. Men and the Drug Buzz: Masculinity and Men’s Motivations for Illicit Recreational Drug Use. *Sociological Research Online*, v. 25, n. 3, p. 421-437, 2020.
- EWING, T. The Weeknd’s VIP area exposé was made for the indie crowd. *The Guardian*, New York, 24 mar. 2011. Music. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2011/mar/24/weeknd-rb-indie> . Acesso em: 5 mar. 2023.
- FINE, G. A. The dirty play of little boys. *Society*, v. 24, n. 1, p. 63-67, nov./dez. 1986.
- GREEN, M. A. **The Weeknd vs. Abel Tesfaye**. *In: GQ*. New York: Condé Nast: 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.gq.com/story/the-weeknd-september-cover-interview> . Acesso em: 5 mar. 2023.
- HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, p. 201-246, jun. 2004.
- HARRINGTON, C. What is “Toxic Masculinity” and Why Does it Matter? *Men and Masculinities*, v. 24, n. 2, p. 345-352, jun. 2021.
- HOENISCH, J. C. D.; CIRINO, C. da S. Mídia e o espelho da masculinidade? *Estudos de Psicanálise*, n. 33, p. 61-74, jul. 2010.

- LAQUEUR, T. **Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- LIMA, E. H. Gênero, masculinidades, juventudes e uso de drogas: contribuições teóricas para elaboração de estratégias em educação em saúde. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rey, v. 7, n. 2, p. 279-289, jul./dez. 2012.
- LINS, D. (org.). **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998.
- NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- PAULA, R. C. M.; ROCHA, F. N. Os impactos da masculinidade tóxica no bem-estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2 supl. p. 82-88, 2019.
- PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.
- PONTES, M. M. R&B: saiba tudo sobre esse gênero musical. In: **SABRA - Sociedade Artística Brasileira**, Betim, 4 ago. 2022. Disponível em: <https://www.sabra.org.br/site/rhythm-and-blues/>. Acesso em: 17 abr. 2023.
- RODRIGUES JR., O. M. Identidade masculina: paradoxos na sexualidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 7, n. esp., p. 84-93, 1996.
- RYCE, A. Echoes of Silence: The Weeknd album review. In: **Pitchfork**. New York: Condé Nast, 3 jan. 2012. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/16134-echoes-of-silence/>. Acesso em: 5 mar. 2023.
- SANTOS, S. C. M. O modelo predominante de masculinidade em questão. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p. 59-65, jan./jun. 2010.
- SCOTT, D. The Weeknd: Kiss And Tell (2013 Cover Story). In: **Complex**, New York, 15 jul. 2013. Disponível em: <https://www.complex.com/music/2013/07/weeknd-interview-cover-story>. Acesso em: 17 mar. 2023.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- SHAKESPEARE Lines. In: **Urban Dictionary**. [significado popular da gíria Shakespeare lines]. 13 mar. 2012. Disponível em: <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=Shakespeare%20Lines>. Acesso em: 16 mar. 2023.
- SILVA, S. G. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 1, p. 118-131, ago. 2006.
- SILVA, S. G. O conflito identitário : sexo e gênero na constituição das identidades. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 10, n. 1, 1999.

SODERBERG, B. Thursday: The Weeknd album review *In: Pitchfork*. New York: Condé Nast, 25 ago. 2011. Disponível em: <https://pitchfork.com/reviews/albums/15754-thursday/> . Acesso em: 5 mar. 2023.

SOUZA, W. Eu lírico: o que é, exemplos, eu lírico X poeta. *In: Mundo Educação* [S.l.: s.n., 2023?]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/eu-lirico.htm> . Acesso em: 22 mar. 2023.

SPOTIFY top artists by monthly listeners. *In: Kwordb.net*: all your music data needs in one place. [ranking de artistas com mais ouvintes mensais no Spotify]. Disponível em: <https://kwordb.net/spotify/listeners.html>. Acesso em: 7 mar. 2023.

THE DIFFERENCE between a mixtape & album. *In: Artist Shortcut*. [S.l.: s.n., 2016?]. Disponível em: <https://artistshortcut.com/difference-between-mixtape-album/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

THE WEEKND. *In: Billboard*: music charts, news, photos & vídeo. New York: Penske Media Corporation, 2023. Histórico de charts. Disponível em: <https://www.billboard.com/artist/the-weeknd/> . Acesso em: 7 mar. 2023.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.

ANEXO A - LETRA DE D.D.

You'll never make me stay so take your weight
off of me
I know your every move, so won't you please
let me be
I've been here times before but I was too blind
to see
That you seduce every man, this time you
won't seduce me
She's saying that's OK, hey baby do what you
please
I am the stuff that you want, I am the thing
that you need
She looked me deep in the eyes, she touchin'
me so to start
She say there's no turnin' back, she trapped me
in her heart

Dirty Diana, no, Dirty Diana, no
Dirty Diana, no, Dirty Diana, let me be!
Oh no... Oh no... Oh no

She likes the boys in the band, she knows
when they come to town
Every musician's fan after the curtains come
down
She waits at backstage doors for those who
have prestige
Who promise fortune and fame, a life that's so
carefree
She's saying that's OK, hey baby do what you
want
I'll be your night lovin' thing, I'll be the freak
you can taunt
And I don't care what you say, I want to go too
far
I'll be your everything if you make me a star

Dirty Diana, no, Dirty Diana, no
Dirty Diana, no, Dirty Diana, let me be!
Oh no... Oh no... Oh no

She said I have to go home 'cause I'm real
tired you see
But I hate sleepin' alone, why don't you come
with me
I said my baby's at home, she's probably
worried tonight
I didn't call on the phone to say that I'm alright
Diana walked up to me, she said I'm all yours
tonight
At that I ran to the phone sayin' baby I'm
alright
I said unlock the door 'cause I forgot the key
She said he's not coming back because he's
sleeping with me

Dirty Diana, no, Dirty Diana, no
Dirty Diana, no, Dirty Diana, let me be!
Oh no... Oh no... Oh no

Fonte: The Weeknd - D.D. Lyrics *In*:

AZLyrics. Disponível em:

<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/dd.html>
ml . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO B - LETRA DE MONTREAL

Laisse tomber les filles (2x)
 Un jour c'est toi qu'on laissera
 Laisse tomber les filles (2x)
 Un jour c'est toi qu'on laissera
 Oui j'ai pleuré mais ce jour-là
 Non, je ne pleurerai pas (2x)
 Oui j'ai pleuré mais ce jour-là
 Je ne pleurerai pas (2x)

I guess you had no idea that you could have
 persuaded me
 Girl, you could have had me doing anything
 you pleased
 Girl, you should have took your time and
 thought of what to say to me
 'Cause I'm not as hard as I make it seem to be

And it could have went so many ways
 So many ways it can go
 'Cause ain't nobody feels the way that I feel
 when I'm alone
 So if I said that I won't call
 The lying comes natural to me
 You probably could have had it all
 You could have been that lonely star
 If we just went on (Laisse tomber les filles,
 laisse tomber les filles)
 If we just went on (Un jour c'est toi qu'on
 laissera)
 If we just went on (Laisse tomber les filles,
 laisse tomber les filles)
 If we just went on (Un jour c'est toi qu'on
 laissera)

Happiness exists when you don't know a thing
 So I hope you don't think this song is about
 you
 And only I can know how close you came
 But baby I'm a pro at letting go
 I love it when they come and go

It could have went so many ways
 So many ways it can go
 'Cause ain't nobody feels the way that I feel
 when I'm alone
 So if I said that I won't call
 The lying comes natural to me
 You probably could have had it all
 You could have been that lonely star
 If we just went on (Laisse tomber les filles,
 laisse tomber les filles)
 If we just went on (Un jour c'est toi qu'on
 laissera)
 If we just went on (Laisse tomber les filles,
 laisse tomber les filles)
 If we just went on (Un jour c'est toi qu'on
 laissera)
 If we just went on (Laisse tomber les filles,
 laisse tomber les filles)
 If we just went on (Un jour c'est toi qu'on
 laissera)
 If we just went on (Laisse tomber les filles,
 laisse tomber les filles)
 If we just went on (Un jour c'est toi qu'on
 laissera)

Laisse tomber les filles (2x)
 Un jour c'est toi qu'on laissera
 Laisse tomber les filles (2x)
 Un jour c'est toi qu'on laissera
 Oui j'ai pleuré mais ce jour-là
 Non, je ne pleurerai pas
 Non, je ne pleurerai pas (Je ne pleurerai pas)
 Oui j'ai pleuré mais ce jour-là
 Je ne pleurerai pas
 Je ne pleurerai pas (Je ne pleurerai pas)

Fonte: The Weeknd - Montreal Lyrics In:
AZLyrics. Disponível em:
<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/montreal.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO C - LETRA DE OUTSIDE

I'll let you show me his moves
 Let you do what he taught you
 Let you reminisce how you used to do
 Girl, I'm open to anything that'll get you into
 that zone
 And understand that we're all alone
 So you can slowly take off your clothes
 Baby girl, you know what's in store
 And baby I will stay up all night
 I've been goin' hard since last night
 And I'mma go harder tonight
 Wish you could see you through my eyes
 Ooh, I'm telling you this ain't the same
 And I know he's still in your brain
 I'm 'bout to burn that shit into flames
 Once I'm in you, baby

Forget what you know
 Make yourself at home
 'Cuz baby when I'm finished with ya
 You won't wanna go outside

And I'mma work you like a pro, baby
 Why, and you gon' take it like one
 Yeah, you gon' take it like one
 And I'mma give it like you asked for it
 Why, 'cuz you been talkin' 'bout it
 I know you talkin' 'bout it
 Ooh, baby, when I'm done with you
 You ain't saying nothing
 Yeah, you ain't saying nothing
 Ooh, baby, when I'm done with you
 You ain't saying nothing
 Yeah, you ain't saying nothing
 You gon' make me show off
 All the pain that you feel you can tell
 That we ain't making no love
 But I'll pretend, oh girl, I'll pretend
 If you pretend then, girl, I'll pretend
 Let's make it seem like we're all we need in
 the end

Forget what you know
 Make yourself at home
 'Cuz baby when I'm finished with ya
 You won't wanna go outside

Let's break it down
 Go outside
 Baby, go outside
 Let's break it down
 Go outside
 Baby, go outside
 Baby, go outside

Fonte: The Weeknd - Outside Lyrics *In*:
AZLyrics. Disponível em:
<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/outside.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO D - LETRA DE XO/THE HOST

Shots of the Henny, bottles of Patrón
 Blunts to your face, you don't wanna sing no
 more, lost your C notes
 Cabbed all day, took the bus back home
 Evictions on your door, blame it on the weed,
 blame it on the booze
 Blame it on the night life, light's passin' you,
 yeah
 Just don't blame it on me, that you wanna
 come and party
 With a nigga like me, 'cause I get it
 You're built like a goddess
 And it seems like you been stressin'
 'Specially when your nose red
 From that K, special Diet Coke
 You need more bread, now you got no rent
 You blow that money, money
 You try to window shop, you blow another
 hundred
 She's fuckin' goons in the day
 Hipster nights downtown and your daddy
 don't know you're out

If they don't let you in
 You know where to find me
 'Cause if you wanna go again
 You can always call me
 'Cause all we ever do is love
 Open up your mind, you can find the love
 Girl, you ain't alone
 We all been alone
 Baby, just be honest

(XO) Woo, don't you forget
 (XO) Don't you worry 'bout a thing
 (XO) We'll be everything you need, just
 believe
 (XO) Yeah, (XO) yeah, whoa

I love it when your eyes are red, oh, yeah
 Are you on my cloud yet?
 'Cause I got a brand new cam, can we
 video feed, can we POV?

Why? I wanna catch you at your best
 When your hair's a mess
 You look so depressed
 And you're filled with regret
 And you feel like you gotta go home, oh
 'Cause these nights pass, so much quicker than
 the days did
 Same clothes, you ain't ready for your day
 shift
 But you up, you need money for ya' face lift
 Lust over love is your mindset
 Waken up with most of your side wet
 Another room, you hear your mom cryin'
 Cause she found your bag stuffed in the
 laundry
 And the Bacardi from the last party

If they won't let you in
 You know where to find me, oh
 And if you wanna go again
 You can always call me
 'Cause all we ever do is love
 Open up your mind you can find the love
 Girl you ain't alone, we all been alone
 Baby just be honest

(XO) Ohh, don't you forget
 (XO) No, no, don't you worry 'bout a thing
 (XO) We'll be everything you need, just
 believe, yeah
 (XO) Yeah, (XO) ooh, whoa

I need, I need something from you
 Oh, there's so much love to pass around
 There's too much love
 Girl, the night's almost done
 And who you came with is already gone
 You said you want me
 But I remember who you are
 And girl, it wasn't long ago
 Didn't think I'd go this far

Well, I got a test for you
You said you want my heart
Well, baby you can have it all
There's just something that I
Need from you is to meet my boys
I got a lot of boys
And we can make you right
And if you get too high
Baby, come over here and ride it out
Oh, oh, oh yeah
Ride it out
Oh, oh, whoa yeah
Ride it out
Ride it out
Just ride it

Fonte: The Weeknd - XO / The Host Lyrics In:
AZLyrics. Disponível em:
<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/xothehost.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO E - LETRA DE INITIATION

Oh, yeah, got you drinking out them white cups, sodas
 All this shit so foreign to you, thick smoke, choking
 Baby, get familiar with the order
 Just crack it, then pour it, then sip slow, then tip low
 My eyes red but my brim low, that XO
 She climbing, straight to the top, forgetting why she there in the first place
 No more crying, heart rate slow, put that rum down you don't wanna die tonight
 I promise, when you're finished, we'll head to where I'm living
 The party won't finish, it's a fucking celebration, oh yeah
 For my niggas out tonight
 And they high off Shakespeare lines
 There's enough to pass around, you don't gotta wait in line
 And the clocks don't work, you don't gotta check the time
 And the blinds don't work, you don't gotta check the sky
 We'll be going all night, 'til light

I got a test for you
 You say you want my heart
 Well, baby, you can have it all
 There's just something that I need from you
 Is to meet my boys

And you've been going hard, baby
 Now you rolling with some big boys, baby
 Got a lot you wanna show off, baby
 Close that door before you take your fucking clothes off, baby
 Don't mind, all my writings on the wall
 I thought I passed my peak, and I'm experiencing fall
 And all I wanna do is leave cause I've been zoning for a week

And I ain't left this little room, tryna concentrate to breathe
 Cause this piff so potent, killing serotonin
 In that two floor loft in the middle we be choking
 On that all black voodoo, heavy gum chewing
 Go on if you thirsty, baby, if you dancing
 Grab a cup of that XO, baby, I been leaning
 Back from the come down, girl, I've been fiending
 For another round, don't you blame it on me
 When you're grinding up your teeth and it's fucking hard to sleep

I got a test for you
 You said you want my heart
 Well, baby, you can have it all
 There's just something that I need from you
 Is to meet my boys
 I got a lot of boys
 And we can make you right
 And if you get too high

Baby, come over here and
 Ride it out, ride it out
 Work that back 'til I tire out
 Roll that weed, bring that fire out
 Taste that lean when you kiss my mouth
 Bed so wet when I eat you out
 Girl's friends scream that I'm creeping out
 If they're not down, better keep em out
 Ex-man hollering, keep him out
 Hard to let go, I could teach you how
 Take a puff of this motherfucking reefer now
 Bet a shot of this cognac, ease you out
 Just one night, trying to fucking leave you out
 Baby, baby

I got a test for you
 You said you want my heart
 Well, baby, you can have it all
 There's just something that I need from you

Is to meet my boys
I got a lot of boys
And we can make you right
And if you get too high
Baby, come over here and ride it out
Ooh, yeah, ooh, yeah, ooh, yeah
Come over here and ride it out
Ooh, yeah, ooh, yeah, ooh, yeah
Ooh yeah, ooh

That north north, that up top, that OVO and
that XO
That north north, that up top, that OVO and
that XO
That north north, that up top, that OVO and
that XO
That north north, that up top, that OVO and
that XO (XO)
That north north, that up top, that OVO and
that XO
That north north, that up top, that OVO and
that XO
That north north, that up top, that OVO and
that XO
That north north, that up top, that OVO and
that XO

Fonte: The Weeknd - Initiation Lyrics In:
AZLyrics. Disponível em:
<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/initiation.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO F - LETRA DE SAME OLD SONG

[The Weeknd:]

Where were you when I needed you eight
months ago?
All your girlfriends talkin' 'bout me, now you
ringin' up my phone
I bet you miss me now baby, I bet you'd kiss
me now baby
Especially since you know that this ain't
nothin' and I only just begun

You never thought that I would ever go this
far
You said potential could never last this long
Well baby, I've been alone for almost all my
life
What makes you think that you can ever do
me right

You're the same old song
You're the same old song
You're the same old song
You're the same old song
The same old song

And now I'm poppin' yea
Ain't nobody showed me how
I made it big poppin' yeah
Tell me how you like me now
I swear I loved you girl
And you probably went and fucked the world
Well you can take another shot every time you
hear me playin' in the club

You never thought that I would ever go this
far
You said potential could never last this long
Well baby, I've been alone for almost all my
life
What makes you think that you can ever do
me right

You're the same old song
You're the same old song
You're the same old song
You're the same old song
The same old song

[Juicy J:]

Listen to that shit, man
The Weeknd music make the ladies panties get
wet!
Jam that shit my nigga
I'm high as a motherfucker
I don't give a shit
I'm going to the strip club
I'm throwing 30 thousand dollars nigga, 30
thousand!
Fuck that shit
Spend that shit nigga, it's Christmas!
Shut the fuck up!
We trippy mane!

Fonte: The Weeknd - Same Old Song Lyrics

In: **AZLyrics**. Disponível em:

<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/sameoldsong.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO G - LETRA DE THE FALL

You been picking my voice to dance to
 You say my money no good in here
 Even though I didn't ask you
 And it's the most you've worked
 Even though I probably don't deserve this girl
 But you been dreaming for this moment so
 you have to
 Baby, it's OK
 I got show money, baby
 I wanna show you how I blow money, baby
 I wanna show you how I throw money, baby
 I'm a kid, so it's hard for me to hold money,
 baby
 Cause I'm a star, don't get it twisted
 Got some trappers in my car
 What kind of caps I got the brownest of them
 all
 Somebody pop 'em before we pop 'em all,
 before we pop 'em all

Saying this ain't nothing, but it's all I need
 And the peak ain't reached but the peak is all I
 feel
 And it feels so good
 It feels so good
 It feels so good
 It feels so good

I ain't scared of the fall (4x)
 I've felt the ground before (4x)
 Cuz I ain't scared of the fall

Mama, I understand why you're mad
 And it hurts to accept what I am
 And how I live
 And what I do
 But I've been good since Thursday
 Yes I've been good since Thursday

So you can watch my love vanish
 In a girl with no talent
 But to make mula vanish
 Call her friend for my friend
 And friends name's Lexus
 I let my niggas test it
 Her morals worth a cent
 And best believe I already spent it
 My blunt full of B.C
 My cup full of Texas
 Flown on that OVO jet, yeah I said it
 I was born to be reckless
 Was forced to make records
 So you ain't gotta ask "Who's next? Who's
 next?"

Saying this ain't nothing, but it's all I need
 And the peak ain't reached but the peak is all I
 feel
 And it feels so good
 It feels so good
 It feels so good
 It feels so good

I ain't scared of the fall (x3)
 I've felt the ground before (x3)

The fall
 And I ain't scared of the fall

XO (x5)

Fonte: The Weeknd - The Fall Lyrics *In*:
AZLyrics. Disponível em:
[https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/thefal
 l.html](https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/thefall.html) . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO H - LETRA DE NEXT

Whoa
 She popped that pussy on a Monday
 She never falls in love
 But she heard me in the club, she put in work
 She wanna give me all her money
 She used to spend it all alone 'cause her man
 went and did her wrong, so she
 But baby I'm not tryin' to be the one
 I got my baby waitin' home
 She been too good to let that go
 And I ain't tryna win your heart
 And you can't pay to win my love
 So keep dancin', baby, keep dancin', dancin'
 Keep dancin', dancin', keep dancin'

(I want you)
 I know, yes, I know
 Yes, I know, yes, I know
 Yes, I know
 Baby (I want you)
 I'm too far in this game to let go
 So let go, so let go

Baby (I want you)
 Baby, who you tryna fool
 Girl, I might be twenty-one, but I got
 memories to prove
 That I've seen your kind before
 And I know exactly what you want
 You just want me 'cause I'm next
 You just want me 'cause I'm next, baby
 You just want me 'cause I'm next
 You just want me 'cause I'm next, baby
 You just want me 'cause I'm next
 You just want me 'cause I'm next, baby
 You just want me 'cause I'm next
 You just want me 'cause I'm next, baby
 You just want me 'cause I'm next
 You just want me 'cause I'm next, baby, oh
 Ooh ooh ooh ooh

Baby, who you callin' soft
 Don't make me smoke up all your kush
 Don't make me pop your cheap ass pills
 I used to do this for the thrill, yeah
 I know you got a lot to lose
 But ain't nobody here but me
 So baby what you got to prove, yeah
 I see the way your body moves
 On the pole, on the floor, you're alone
 But there ain't nothing I can do
 So keep dancin', baby, keep dancin', dancin'
 Keep dancin', dancin', keep dancin'

(I want you)
 I know, yes, I know
 Yes, I know, yes, I know
 Yes, I know
 Baby (I want you)
 I'm too far in this game to let go
 So let go, so let go

Baby (I want you)
 Baby, who you tryna fool
 Girl, I might be twenty-one, but I got
 memories to prove
 That I've seen your kind before
 And I know exactly what you want
 You just want me 'cause I'm next
 You just want me 'cause I'm next, baby
 You just want me 'cause I'm next (x8)
 Oh ooh ooh ooh ooh whoa
 Oh yeah oh yeah oh yeah
 Oh yeah oh yeah oh yeah

Fonte: The Weeknd - Next Lyrics In:
AZLyrics. Disponível em:
<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/next.html>
 . Acesso em: 22 mar. 2023.

ANEXO I - LETRA DE ECHOES OF SILENCE

Talk to me, baby
 Tell me what you're feeling
 You say you don't need to go
 Don't you pretend you didn't know
 How all of this would end up?
 Girl, I saw it in your eyes
 And, baby, I can read your mind
 And expectations were not in sight
 You knew that talking dirty to me on the
 phone
 Would get me here
 'Cause we both wanted to do this
 But I could tell that you were scared
 'Cause you thought there was more to us
 But you knew how this would end
 It's gonna end how you expected
 Girl, you're such a masochist
 And I ask why
 And you reply
 I like the thrill
 Nothing's gonna make me feel this real
 So, baby, don't go home
 I don't wanna spend tonight alone
 Baby, please
 Would you end your night with me?
 Don't you leave me all behind
 Don't you leave my little life
 Don't you leave my little lie

Ooh, ooh
 No, no, no, no, no
 No, no, no, no, no
 No, no, no, no, no
 No, no, no, no, no
 No, no, no, no, no
 No, no, no, no, no
 Ooh, ooh

Fonte: The Weeknd - Echoes Of Silence
 Lyrics *In*: **AZLyrics**. Disponível em:
<https://www.azlyrics.com/lyrics/weeknd/echoesofsilence.html> . Acesso em: 22 mar. 2023.